



**MINISTÉRIO DA DEFESA
EXÉRCITO BRASILEIRO
COMANDO DE OPERAÇÕES TERRESTRES**

**MANUAL DE CAMPANHA
O EMPREGO DA INTELIGÊNCIA**

**1ª Edição
2025**



MINISTÉRIO DA DEFESA
EXÉRCITO BRASILEIRO
COMANDO DE OPERAÇÕES TERRESTRES

MANUAL DE CAMPANHA
O EMPREGO DA INTELIGÊNCIA

1ª Edição
2025



MINISTÉRIO DA DEFESA
EXÉRCITO BRASILEIRO
COMANDO DE OPERAÇÕES TERRESTRES

PORTARIA – COTER/C Ex Nº 616, DE 21 DE OUTUBRO DE 2025
EB: 64322.025862/2025-51

Aprova o Manual de Campanha MC 2.1 O Emprego da Inteligência, 1ª edição, 2025, e dá outras providências.

O COMANDANTE DE OPERAÇÕES TERRESTRES, no uso da atribuição que lhe confere o inciso IV do artigo 28 das Instruções Gerais para o Sistema de Doutrina Militar Terrestre – SIDOMT (EB10-IG-01.005), 7ª edição, aprovadas pela Portaria do Comandante do Exército nº 2.451, 9 de abril de 2025, resolve:

Art. 1º Aprovar o Manual de Campanha MC 2.1 Emprego da Inteligência, 1ª edição, 2025, que com esta baixa.

Art. 2º Revogar o Manual de Campanha EB70-MC-10.307 Planejamento e Emprego da Inteligência Militar, 1ª edição, 2016, aprovado pela Portaria nº 022 – COTER, de 9 de maio de 2016.

Art. 3º Revogar o Manual de Campanha EB70-MC-10.252 Inteligência nas Operações, 1ª edição, 2021, aprovado pela Portaria nº 118 - COTER/C Ex, de 17 de novembro de 2021.

Art. 4º Determinar que esta Portaria entre em vigor na data de sua publicação.

Gen Ex Ex RICARDO AUGUSTO FERREIRA COSTA NEVES
Comandante de Operações Terrestres

FOLHA REGISTRO DE MODIFICAÇÕES (FRM)

NÚMERO DE ORDEM	ATO DE APROVAÇÃO	PÁGINAS AFETADAS	DATA

SUMÁRIO

	Pag
CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO	
1.1 Finalidade	1-1
1.2 Inteligência nas Operações	1-1
1.3 O Ciclo da Inteligência Militar nas Operações	1-3
CAPÍTULO II – AS ESTRUTURAS DE INTELIGÊNCIA	
2.1 Concepção	2-1
2.2 Meios de Obtenção	2-1
2.3 Meios de Análise	2-3
CAPÍTULO III – SITUAÇÕES DE COMANDO E FORMAS DE APOIO	
3.1 Considerações Gerais	3-1
3.2 Situações de Comando	3-1
3.3 Formas de Apoio	3-2
3.4 Supervisão Técnica	3-2
CAPÍTULO IV – A INTELIGÊNCIA NAS OPERAÇÕES DE MOLDAGEM	
4.1 Considerações Gerais	4-1
4.2 O Apoio de Inteligência às Operações de Moldagem	4-1
4.3 Necessidades de Inteligência nas Operações de Moldagem	4-2
CAPÍTULO V – A INTELIGÊNCIA NAS OPERAÇÕES BÁSICAS	
5.1 Considerações Gerais	5-1
5.2 Operações Ofensivas	5-1
5.3 Operações Defensivas	5-2
5.4 Operações de Estabilização	5-3
CAPÍTULO VI – A INTELIGÊNCIA NAS OPERAÇÕES COMPLEMENTARES	
6.1 Considerações Gerais	6-1
6.2 Reconhecimento	6-1
6.3 Operações de Segurança	6-2
6.4 Substituição de Unidades em Combate	6-3
6.5 Movimento de Tropas	6-6
6.6 Operações com Características Especiais	6-6
6.7 Operação de Dissimulação	6-11
6.8 Operações de Informação	6-12
6.9 Operação de Junção	6-13
CAPÍTULO VII – INTELIGÊNCIA NAS AÇÕES COMUNS ÀS OPERAÇÕES TERRESTRES	
7.1 Considerações Gerais	7-1
7.2 Controle de Danos	7-1
7.3 Inteligência, Reconhecimento, Vigilância e Aquisição de Alvos	7-3
7.4 Proteção de Cíveis	7-8
7.5 Busca e Resgate	7-9
CAPÍTULO VIII – A INTELIGÊNCIA NAS OPERAÇÕES EM AMBIENTES COM CARACTERÍSTICAS ESPECIAIS	
8.1 Considerações Gerais	8-1
8.2 Ambiente de Selva	8-1

8.3 Ambiente de Pantanal.....	8-2
8.4 Ambiente de Caatinga	8-2
8.5 Ambiente de Montanha.....	8-3
8.6 Ambiente Urbano.....	8-3
CAPÍTULO IX – O EXAME DE SITUAÇÃO DE INTELIGÊNCIA	
9.1 Considerações Gerais	9-1
9.2 Exame de Situação de Inteligência	9-1
9.3 Anexo de Inteligência.....	9-6
9.4 Documentos de Apoio ao Exame de Situação	9-7
9.5 Considerações Finais	9-9
CAPÍTULO X – O EXAME DE SITUAÇÃO DE CONTRAINTELIGÊNCIA	
10.1 Considerações Gerais	10-1
10.2 Planejamento de Contrainteligência	10-2
10.3 Exame de Situação de Contrainteligência.....	10-3
ANEXO A – EXAME DE SITUAÇÃO DE INTELIGÊNCIA	
ANEXO B – EXAME DE SITUAÇÃO DE CONTRAINTELIGÊNCIA	
GLOSSÁRIO	

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

1.1 FINALIDADE

1.1.1 Este Manual de Campanha (MC) tem por finalidade orientar os Estados-Maiores (EM) dos diversos escalões da Força Terrestre (F Ter), bem como as estruturas de obtenção de dados e produção do conhecimento, no emprego da Inteligência Militar Terrestre em Operações (Op). Cabe destacar que os aspectos relacionados à Contrainteligência (CI) nas Op são tratados em manual específico.

1.1.2 Esta publicação complementa os assuntos relacionados à Inteligência Militar (IM) descritos em outros manuais doutrinários.

1.2 INTELIGÊNCIA NAS OPERAÇÕES

1.2.1 A IM apoia o Comandante (Cmt) em todos os níveis, fornecendo as informações necessárias para diminuir as incertezas e auxiliar na tomada de decisão, possibilitando a identificação do momento e do ponto (dimensão física, humana e/ou informacional) em que deve ser concentrado o poder de combate suficiente e adequado para derrotar a ameaça.

1.2.2 A IM deve estar direcionada à obtenção de conhecimentos relacionados às Necessidades de Inteligência (NI) em apoio aos decisores e a seus EM nos múltiplos domínios e dimensões, bem como proteger conhecimentos sensíveis, material, instalações e pessoal da F Ter contra ações da Inteligência (Intlg) oponente e de outros atores hostis. Nesse contexto, a zona cinza dos conflitos e a ameaça híbrida devem ser abrangidas em todo Contínuo de Competição.

1.2.3 A F Ter deve demonstrar aptidão para sobrepujar vários oponentes, seja dentro do ambiente operacional ou fora dele, ao mesmo tempo e com a mesma proficiência. Para tanto, os elementos de Força conduzem Op de naturezas distintas, de forma sinérgica, convergente e indissociável, aproveitando todas as oportunidades, em todos os escalões, na busca do Estado Final Desejado (EFD). As manobras física e informacional são sincronizadas em estreita ligação com as questões jurídicas envolvidas

1.2.4 Um acurado Exame de Situação (Exm Sit) orienta a melhor forma de dispor as Forças, que podem combinar atitudes e tipos distintos de Op. Cabe destacar que, ao se realizar o Exm Sit, o EM deve dispor de conhecimentos adequados, oportunos, precisos e relevantes com a finalidade de dirimir as incertezas e ampliar a efetividade do planejamento das Op.

1.2.5 Faz-se necessária a adoção de medidas que visem a prevenir, detectar, identificar, avaliar, obstruir, explorar e neutralizar as ações de qualquer natureza que possam se constituir em ameaça.

1.2.6 A aplicação do conceito de Inteligência, Reconhecimento, Vigilância e Aquisição de Alvos (IRVA) torna-se essencial para que o Cmt anteveja a ameaça, ao mesmo tempo em que contribui para a manutenção da segurança e da iniciativa no espaço de batalha, visando ao alcance do EFD. Cabe destacar que a consciência situacional é obtida também por intermédio de conhecimentos abrangidos pelo conceito IRVA, acrescido, na condução das Op, da análise dos danos de batalha.

1.2.7 O espaço de batalha exige que cada soldado se constitua em um sensor, responsável por detectar e comunicar atividades de ameaças, bem como identificar disposições e capacidades do inimigo. Essa tarefa é crítica, exigindo capacitação e meios tecnológicos que o habilitem a agir em um ambiente assimétrico, caracterizado pela violência difusa, elevado grau de incerteza, emprego massivo de meios de Tecnologias de Informação (TI) e complexidade de métodos.

1.2.8 Observa-se a crescente importância do emprego integrado de todos os sensores das fontes de Intlg (humanas e tecnológicas) capazes de ampliar a consciência situacional por meio da observação e da comunicação direta e simultânea de eventos. Dessa forma, os EM devem ter a capacidade de trabalhar multissensores, integrando os dados originados pelas diversas fontes. Deve ser considerado o incremento de tecnologias disruptivas aplicadas ao campo militar, com a potencialização das capacidades atreladas à Intlg, com destaque para as atividades de Geointeligência (*Geospatial Intelligence*, na sigla em inglês GEOINT), Inteligência de Imagens (*Imagery Intelligence*, na sigla em inglês IMINT), Inteligência de Assinatura de Alvos (*Measurement and Signature Intelligence*, na sigla em inglês MASINT), Inteligência de Sinais (*Signal Intelligence*, na sigla em inglês SIGINT), Inteligência Cibernética (*Cyber Intelligence*, na sigla em inglês CYBINT), Inteligência de Saúde (*Medical Intelligence*, na sigla em), Inteligência Tecnológica (TECHINT) e Inteligência de Fontes Abertas (*Open Source Intelligence*, na sigla em inglês OSINT).



Fig 1-1 – Hierarquia cognitiva da consciência situacional

1.2.9 Para a IM, o conhecimento é o dado que foi processado, analisado e julgado relevante, sendo fundamental para que os Cmt e seus assessores possam ter um melhor entendimento da situação, contribuindo para a obtenção da necessária consciência situacional. Os integrantes dos EM, em Op militares, realizam os seus respectivos Exm Sit baseados nos conhecimentos disponíveis.

1.3 O CICLO DA INTELIGÊNCIA MILITAR NAS OPERAÇÕES

1.3.1 O Ciclo da IM consiste nos procedimentos pelos quais as Unidades e os Comandos Operacionais do Exército planejam, orientam e integram a obtenção de dados, a produção de conhecimentos e a difusão das informações necessárias para prover a consciência situacional ao Cmt e ao EM, para que estes tomem decisões de forma eficaz e exerçam o Comando e Controle.

1.3.2 Dessa forma, o Ciclo da IM é um modelo e uma referência de método para orientar os profissionais de IM em suas análises, discussões, planos e avaliações. Ao aplicar o Ciclo da IM, eles devem considerar cada domínio e cada dimensão do ambiente operacional (Ambi Op) para avaliar adequadamente as capacidades de ameaça e planejar a obtenção de dados.

1.3.3 O Ciclo da IM aproveita todas as fontes de dados e de especialidades para fornecer consciência situacional ao Cmt e ao EM. A Função de Combate Inteligência (F Cmb Intlg) utiliza o Ciclo da IM como uma ferramenta de sincronização e de integração para garantir que os dados e os produtos de inteligência adequados cheguem aos usuários certos, com oportunidade e no formato adequado, sem saturá-los com dados que não sejam adequadamente processados.

1.3.4 Cabe aos Comandantes conduzir o Ciclo da IM e aos oficiais de Inteligência (E-2/S-2) sincronizar e acompanhar. Entretanto, todo o EM – incluindo, mas não se limitando ao E-3/S-3, E-6, E-9, Oficial de Engenharia e Coordenador de Apoio de Fogo – desempenha um papel importante.

1.3.5 O Ciclo da IM é caracterizado pela execução das seguintes atividades **orientação, obtenção, produção e difusão**. Uma vez iniciado o ciclo, as atividades desenvolvem-se simultaneamente e, cada uma delas, realimenta as demais, que são continuamente reavaliadas.

1.3.6 Ao mesmo tempo em que cada atividade do Ciclo da IM cumpre sua função, as ações contínuas de **realimentação** e de **avaliação** são constantemente executadas, garantindo a sinergia entre as atividades.

1.3.7 O Ciclo da IM abrange as tarefas mais básicas, que vão desde o planejamento inicial de uma operação até o atendimento a uma NI, garantindo que a resposta seja integrada à operação. Assim como as atividades do Ciclo de Planejamento e Condução das Operações Terrestres (PPCOT) se sobrepõem e se repetem conforme as exigências da missão, o mesmo ocorre com as atividades do Ciclo da IM.

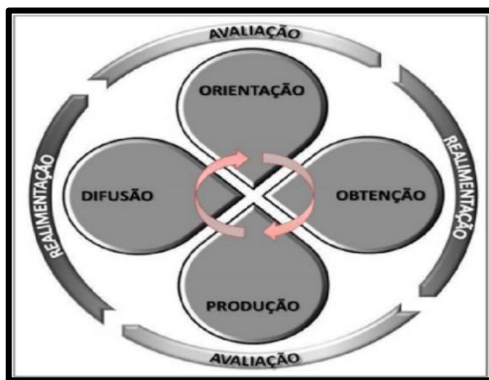


Fig 1-2 – O Ciclo da IM

1.3.8 ORIENTAÇÃO

1.3.8.1 A atividade de **orientação** dá início ao Ciclo da IM e, nessa atividade, são definidas as ameaças e estabelecidas as diretrizes para o planejamento e a execução das tarefas relacionadas à Inteligência. Ela é de responsabilidade do Cmt, devendo esse, em função da missão a cumprir, definir as ações a serem executadas.

1.3.8.2 Desde a situação de Paz, a IM realiza uma constante análise do Ambi Op, o que auxilia no direcionamento do esforço de busca e do planejamento detalhado, assim que a missão é recebida.

1.3.8.3 A atividade de **orientação** da IM é inerente a todo o PPCOT. O Processo de Integração Terreno, Condições Meteorológicas, Inimigo e Considerações Civas (PITCIC) é uma ferramenta especialmente importante na atividade de **orientação**, uma vez que contribui diretamente para as etapas subsequentes do PPCOT.

1.3.8.4 Em operações militares, a execução de tarefas relativas ao PITCIC caracteriza a condução do Exame de Situação da Inteligência (Exm Sit Intlg¹), parte fundamental em qualquer processo decisório.

1.3.8.5 O planejamento da obtenção deve ser o mais colaborativo possível entre os escalões e abranger diversos aspectos do Ambi Op (no sentido de aproveitar a estrutura de inteligência, considerar os diferentes domínios e dimensões, e incluir todo o EM). O objetivo é fornecer um apoio de inteligência eficaz e flexível, integrando completamente a IM às operações.

1.3.8.6 A atividade de orientação tem as seguintes funções:

- a) planejamento e execução da atividade de inteligência relacionada especificamente à missão recebida;
- b) determinação das NI inerentes às decisões do Cmt e aos estudos de EM;
- c) atribuição de prioridades às NI;
- d) elaboração e difusão do Plano de Obtenção de Inteligência (POI)², que integrará o Anexo de Inteligência (An Intlg) da Ordem de Operações (O Op)³ ou Plano de Operações (P Op)⁴;
- e) controle e fiscalização das atividades do Ciclo da IM, particularmente, a obtenção e a produção;
- f) execução do Exm Sit Intlg;
- g) execução do Exame de Situação de Contrainteligência (Exm Sit CI)⁵;
- h) elaboração do An Intlg à O Op ou ao P Op;
- i) acompanhamento e análise da evolução da situação;
- j) delimitação dos campos de atuação da Intlg em cada escalão;
- k) atualizações do POI para reorientar o esforço de obtenção; e
- l) orientação das instruções de Intlg e de CI.

1.3.8.7 Todo o Estado-Maior colabora com a Célula de Inteligência (Cel Intlg) na elaboração de um POI sincronizado e integrado, com foco em responder às NI. Com o avanço do planejamento da Op, as diversas Seções ou Células Funcionais do EM identificam conhecimentos importantes para suas análises que não constam dos bancos de dados da Intlg. Essas lacunas cognitivas compõem novas NI e devem constar nas atualizações do POI.

¹ O Anexo A apresenta um modelo de Exm Sit Intlg.

² O Manual de Campanha MC 5.15 – *Produção do Conhecimento* apresenta um modelo de POI.

³ O Manual de Campanha MC 6-102 - *Planos e Ordens* - apresenta modelo de An Intlg e de O Op.

⁴ O Manual do Ministério da Defesa MD30-M-01- *Doutrina de Operações Conjuntas*, 2º volume, apresenta modelo de Plano Operacional.

⁵ O Anexo B apresenta um modelo de Exm Sit CI.

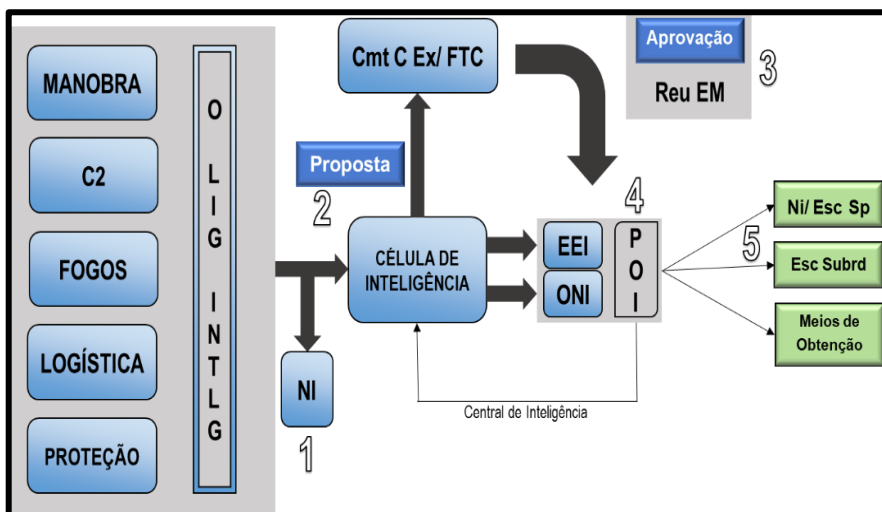


Fig 1-3 – Planejamento da Obtenção de Dados

1.3.8.8 Uma vez iniciado o ciclo, a Cel Intlg passa a acompanhar e a supervisionar as execuções do trabalho de Intlg desenvolvido e a analisar os resultados alcançados, reorientando, se necessário, a Atv Intlg em andamento.

1.3.8.9 Em muitas ocasiões, à medida que os dados e os conhecimentos estão sendo reunidos, o planejamento inicial poderá ser modificado para atender às novas NI oriundas da evolução da situação. Assim, a atividade de **orientação** deve ser dinâmica, flexível e contínua. As NI variam ao longo da Op e estão associadas ao princípio da oportunidade.

1.3.8.10 Todas as NI definidas pelo Cmt, assim como aquelas recebidas do escalão superior (Esc Sp), devem fazer parte do Exm Sit Intlg.

1.3.8.11 Plano de Obtenção de Inteligência

1.3.8.11.1 O POI é um documento da Cel Intlg, de acesso restrito, que registra as NI e os seus desdobramentos não atendidos pelo seu próprio banco de dados e que, por consequência, devem ser solicitados às Organizações Militares (OM) disponíveis.

1.3.8.11.2 O POI auxilia a Cel Intlg na coordenação e na integração do esforço de obtenção das diferentes OM e autoriza as Organizações Militares de Inteligência Militar (OMIM) a realizar ações especializadas voltadas para a busca de dados protegidos.

1.3.8.11.3 O POI deve abranger um determinado espaço de tempo, relacionado com a missão que se encontra em execução ou de acordo com as previsões da

Cel Intlg. É continuamente atualizado de acordo com as novas NI que venham a surgir.

1.3.8.11.4 Normalmente, o POI cobre toda uma Op, uma vez que o trabalho de obtenção exige uma continuidade de ação.

1.3.8.11.5 O preenchimento do POI deve conter as seguintes observações de caráter geral:

- a) transcrição dos Elementos Essenciais de Inteligência (EEI) e das Outras Necessidades de Inteligências (ONI), enunciadas na forma de perguntas;
- b) relação dos desdobramentos dos EEI e das ONI como resultado do trabalho de análise efetuado pela Cel Intlg;
- c) registro dos aspectos solicitados às OM, que venham atender aos desdobramentos dos EEI e das ONI e, conseqüentemente, das NI estabelecidas pelo Cmt;
- d) relação de todas as OM disponíveis a serem acionadas, incluindo-se o Esc Sp e as unidades vizinhas;
- e) registro do prazo estipulado para a resposta, visando ao atendimento do princípio da oportunidade. Expressa uma determinada hora ou a periodicidade de atendimento aos aspectos solicitados. Quando omitido, significa que as respostas obtidas aos aspectos solicitados devem ser imediatamente difundidas ao escalão solicitante; e
- f) registro livre a cargo do Oficial de Inteligência (Of Intlg), quando são lançados dados relativos à execução do trabalho de obtenção, bem como notas para ações futuras.

1.3.8.11.6 Após a elaboração do POI inicial, matrizes de obtenção do POI, elaboradas individualmente para cada OM, são difundidas para os meios de obtenção. As novas tarefas de obtenção são expedidas por meio de atualizações do POI, realizadas pela Cel Intlg.

1.3.8.11.7 No planejamento da obtenção de conhecimentos, devem ser considerados os seguintes aspectos para a seleção das OM de obtenção:

- a) a missão da unidade;
- b) a dimensão da Área de Operações (A Op);
- c) a natureza dos meios de obtenção disponíveis;
- d) as possibilidades e as limitações das OM subordinadas; e
- e) a doutrina, as possibilidades, as limitações e as vulnerabilidades da ameaça.

1.3.8.11.8 Para a seleção das OM de obtenção, devem-se considerar os seguintes princípios:

- a) capacidade – a OM deve ser fisicamente capaz de fornecer o dado, informação e/ou conhecimento desejado. Por exemplo, uma unidade blindada em reserva não deve ser solicitada a identificar as unidades em contato;
- b) adequabilidade – a tarefa de obtenção de uma unidade deve ser compatível com sua missão principal. Para o fornecimento de determinado dado, informação e/ou conhecimento são empregados somente os órgãos mais adequados a

fornecê-lo, por exemplo: patrulhas a pé de Unidades de Infantaria são mais adequadas para obter certos dados do que os elementos de unidades blindadas. Outro fator a considerar é a economia tanto em pessoal como em material. As patrulhas a pé não devem ser empregadas para obtenção de dados que podem ser realizados por reconhecimento aéreo;

c) multiplicidade – a avaliação dos dados obtidos requer que eles sejam comparados com aqueles provenientes de outras fontes, agências e órgãos. Consequentemente, mais de uma OM deve ser empregada na obtenção dos desdobramentos das NI, permitindo uma melhor análise do resultado; e

d) equilíbrio – dentro dos limites impostos por outras considerações, o trabalho de obtenção é distribuído igualmente entre os órgãos. O fator equilíbrio possui menor importância entre os demais fatores de seleção.

1.3.8.11.9 O Of Intlg deve assessorar o Cmt e os demais integrantes do EM, quanto às capacidades, limitações, vulnerabilidades e ao tempo de resposta dos meios de obtenção, permitindo que todos esses fatores sejam observados na condução do planejamento, de modo que esteja ajustada à realidade.

1.3.8.11.10 As OM a serem acionadas e/ou empregadas são aquelas que possuem responsabilidades na A Op em questão e que exploram as diversas fontes para a obtenção de dados, informações e/ou conhecimentos.

1.3.8.11.11 As seguintes Unidades podem ser empenhadas:

- a) OMIM;
- b) OM de combate e apoio ao combate subordinadas;
- c) OM do Esc Sp e vizinhos;
- d) unidades de reconhecimento aéreo e terrestre;
- e) unidades de GE;
- f) unidades de Logística;
- g) unidades em contato;
- h) demais unidades (Forças Especiais, Aviação do Exército, Comunicação Social, Polícia do Exército e Assuntos Cíveis);
- i) serviços de Intlg dos órgãos governamentais;
- j) órgãos de Intlg pertencentes aos órgãos de segurança pública; e
- l) entidades civis.

1.3.8.11.12 Nas Unidades de obtenção que possuem sensores de fontes de Intlg de diversas naturezas, o POI deve orientar a fonte a ser explorada, devendo considerar os aspectos abaixo.

- a) que tipos de dados, informações e/ou conhecimentos são desejados?
- b) Das fontes disponíveis, quais são as confiáveis?
- c) As OM acionadas atenderão ao princípio da oportunidade?

1.3.8.11.13 Os dados obtidos pelos meios de obtenção são respondidos, por meio de informes, relatórios ou outros documentos, para o Cmt que expediu o POI. Ele irá analisá-los e integrá-los em novos conhecimentos.

1.3.8.11.14 Por ser confeccionado na fase de Orientação, o POI é finalizado na 4ª fase do PITCIC – - Determinação das Possíveis L Aç da Ameaça/Inimigo –, compondo o An Intlg do Plano/Ordem de Operações do escalão, considerado como um apêndice. Nesse sentido, durante o planejamento, os meios de obtenção disponíveis para dado momento serão acionados pelo POI de uma Op em curso ou, ainda, como anexo de uma Ordem de Alerta, conforme o PPCOT.

1.3.8.11.15 O POI é atualizado pela Cel Intlg, após a emissão do Plano/Ordem de Operações, conforme as NI respondidas.

1.3.9 OBTENÇÃO

1.3.9.1 A atividade de **obtenção** abrange 2 (duas) tarefas: a prospecção de todas as fontes de dados pelos diversos sensores e o Processamento, Exploração e Difusão (PED) dos dados obtidos, produzindo informações inteligíveis, e sua remessa aos órgãos de análise, encarregados de transformá-los em conhecimentos de Intlg.

1.3.9.2 As Unidades de todas as naturezas que, por sua localização ou missão, possam obter dados e produzir informações que atendam às NI, poderão ser acionadas, participando da atividade de **obtenção**, caracterizando o emprego do conceito IRVA⁶ – Inteligência, Reconhecimento, Vigilância e Aquisição de Alvos. Dessa forma, a **obtenção** não inclui apenas o pessoal e os meios especializados, mas todos aqueles que obtêm dados. Portanto, todo militar é um sensor de inteligência.

1.3.9.3 A **obtenção** e o PED são interdependentes. Quando bem-sucedidos, resultam no relato oportuno de informações relevantes e precisas, que sustentam a produção de conhecimento.

1.3.9.4 A ação contínua de avaliação, por parte da Cel Intlg, das informações reportadas quanto à sua precisão e aderência às tarefas de obtenção é fundamental para fornecer um retorno aos meios de obtenção.

1.3.9.5 Operações de Inteligência

1.3.9.5.1 Operações de Inteligência são as tarefas empreendidas pelas OMIM, por meio das frações orgânicas especializadas de inteligência, para obter informações que respondam às NI previstas no POI. As OMIM conduzem **Operações de Inteligência** de acordo com a Situação de Comando ou Forma de Apoio⁷ a ela designada. Flexibilidade e adaptabilidade a circunstâncias mutáveis, bem como avaliações contínuas, são essenciais para Operações de Inteligência eficazes.

⁶ O Manual de Campanha MC 3.0 - *Operações* apresenta o conceito de IRVA.

⁷ O Capítulo III detalha as Situações de Comando e Formas de Apoio das OMIM.

1.3.9.5.2 As Operações de Inteligência obtêm informações sobre as intenções, atividades e as capacidades das ameaças, bem como sobre aspectos relevantes do Ambi Op, para apoiar o processo decisório dos comandantes. Elas podem ser usadas pelo comandante para apoiar desde operações de moldagem, que permitam ações decisivas, até operações básicas e complementares.

1.3.9.5.3 Ações voltadas à coordenação são fundamentais durante a condução das Operações de Inteligência em uma A Op de outra unidade. Essas ações contribuem para o sucesso das operações e para a prevenção de incidentes de fogo amigo (fratricídio). No mínimo, as OMIM devem coordenar e relatar sua presença, bem como solicitar informações sobre quaisquer condições ou situações em andamento que possam afetar a condução de sua missão. Sempre que possível, as OMIM e a Cel Intlg do Estado-Maior devem realizar uma coordenação direta e presencial.

1.3.9.5.4 A Cel Intlg deve coordenar com o Estado-Maior para estabelecer medidas de coordenação de apoio de fogo em torno dos meios de obtenção, medidas coordenação e controle do espaço aéreo (MCCEA) e o estado de ação dos meios de defesa antiaérea, quando utilizados meios de obtenção aéreos. A falha em desconflitar e em coordenar adequadamente os meios de obtenção com os fogos pode resultar na falha da missão e em riscos desnecessários aos recursos humanos, como o de fratricídio.

1.3.9.6 Processamento, Exploração e Difusão

1.3.9.6.1 O Processamento, Exploração e Difusão (PED) é a maneira como as frações de sensores organizam os dados coletados, realizam análise inicial (exploração) e difundem informações em um formato utilizável para análise posterior ou, quando apropriado, fornecem Informações de Combate aos Comandantes e aos seus Estados-Maiores.

1.3.9.6.2 O PED garante que a informação seja distribuída com o contexto adequado e formatada de maneira que facilite a compreensão ou torne a análise subsequente mais fácil. Ele constitui uma solução para lidar com a crescente complexidade das ações de Inteligência e a explosão de dados e de informações disponíveis resultantes da obtenção. Essa abordagem faz parte do esforço contínuo de garantir que a informação certa chegue ao lugar certo e na hora certa.

1.3.9.7 Informações de Combate

1.3.9.7.1 As Informações de combate são informações fornecidas imediatamente ao comandante tático que, devido à sua natureza altamente perecível, fugacidade ou criticidade da situação, não podem ser analisados pelas estruturas de análise de Intlg a tempo de serem úteis para apoiar a tomada de decisões.

1.3.9.7.2 O comandante e o EM assumem certo nível de risco ao considerar as informações de combate no seu processo decisório. Por essa razão, é importante realizar uma avaliação de risco antes de decidir empregar os meios com base em informações de combate.

1.3.9.7.3 O encaminhamento das **informações de combate** ocorre imediatamente em duas direções:

- a) diretamente para o comandante proporcionarão uma tomada de decisão imediata, como engajamento de um alvo, adoção de condutas ou mudança de atitudes, por exemplo; e
- b) para elementos de análise e produção de conhecimento, no contexto da metodologia do Processamento de Alvos (*Targeting*).

1.3.10 PRODUÇÃO

1.3.10.1 A **produção** é a atividade do Ciclo da Inteligência que se refere à elaboração de novos conhecimentos por meio da aplicação de uma metodologia específica de análise das informações recebidas e dos conhecimentos já existentes. Dessa forma, os analistas elaboram produtos de inteligência, conclusões ou predições a respeito de ameaças e outros aspectos relevantes do Ambi Op. Tudo com o objetivo de responder de maneira eficaz às NI definidas pelo Cmt, tanto no do recebimento da missão quanto durante a execução das ações decorrentes.

1.3.10.2 A Cel Intlg, por meio do trabalho especializado da Central de Inteligência (Cent Intlg), processa informações provenientes de uma ou várias fontes, disciplinas e capacidades complementares, integrando-as aos conhecimentos existentes para criar produtos de Inteligência acabados, que contribuirão com a consciência situacional do Cmt e do EM.

1.3.10.3 Sempre que os analistas identificarem a necessidade, devem realimentar os meios de obtenção (dar *feedback*) sobre a sua efetividade em relação ao POI e aos resultados esperados. Isso contribui para a melhoria de todo o Ciclo da IM.

1.3.10.4 Os produtos de inteligência devem ser oportunos, relevantes, precisos, preditivos e ajustados para proporcionar a consciência situacional e apoiar a tomada de decisões e o processamento de alvos (*Targeting*). A precisão e o nível de detalhamento dos produtos de inteligência têm um impacto direto no sucesso das operações. Devido às restrições de tempo, os analistas, às vezes, desenvolvem produtos que não possuem o nível de detalhamento desejado. No entanto, uma resposta oportuna e precisa que atenda aos requisitos do comandante é preferível a uma resposta mais detalhada entregue com atraso.

1.3.10.5 Análise de Inteligência⁸

1.3.10.5.1 A análise é a base para o planejamento e os trabalhos do EM. Ela facilita a capacidade dos comandantes e demais tomadores de decisão de visualizar o Ambi Op, identificar e estudar o problema, organizar suas forças e controlar as operações para alcançar seus objetivos. Líderes e equipes em todos os níveis conduzem análises para auxiliar na tomada de decisões e para conduzir o processamento de alvos (*Targeting*). A forma mais importante de análise na produção de conhecimentos é a **análise de inteligência**.

1.3.10.5.2 A **análise de inteligência** é o processo pelo qual as informações coletadas são avaliadas e integradas, facilitando a produção de inteligência. Ela é específica da F Cmb Intlg e resulta na produção de inteligência oportuna, precisa, relevante e preditiva.

1.3.10.5.3 O objetivo da **análise de inteligência** é descrever a situação atual e buscar avaliar proativamente ameaças (inimigo), terreno, condições meteorológicas e considerações civis. Ela esclarece a situação para redirecionar a obtenção, gerando mais dados disponíveis e, em seguida, mais **análise de inteligência**, essa relação é contínua.

1.3.11 DIFUSÃO

1.3.11.1 A **difusão** consiste na entrega dos Conhecimentos de Inteligência (Conhc Intlg) ao Cmt e ao seu EM, aos órgãos ou aos escalões que os solicitaram e, ainda, mediante ordem (Mdt O) a quem esses conhecimentos possam ser úteis. A difusão a todos os destinatários com necessidade de conhecer garante a integração dos conhecimentos dentro da Comunidade de Inteligência.

1.3.11.2 A **difusão** oportuna e a integração dos conhecimentos e dos produtos de inteligência finalizados são críticas para o sucesso operacional. Deve ser cuidadosamente controlada para garantir que Cmt, EM e outros profissionais apropriados recebam o conhecimento, quando necessário, na forma correta e no momento certo. Comandantes, membros do Estado-Maior e forças amigas (F Amg) utilizam os conhecimentos para facilitar a compreensão situacional e para apoiar a tomada de decisões, bem como o processamento de alvos. A atuação dos Of Lig de todas as capacidades junto à Cel Intlg é central para que a difusão e a integração da inteligência sejam bem-sucedidas.

1.3.11.3 O Comandante e sua equipe devem estabelecer e manter uma arquitetura de inteligência integrada, incluindo um plano eficaz de disseminação e integração. A simples entrega da inteligência não garante seu uso eficaz no planejamento, na tomada de decisões ou no processamento de alvos

⁸ Ver manual de Campanha MC 5.15 - *Produção do Conhecimento*.

(*Targeting*). Esse plano de **difusão** pode ser um documento separado ou integrado a outros produtos existentes, como o POI, devendo conter diretrizes claras de integração e disseminação aos parceiros de ação unificada.

1.3.11.4 A difusão do Conhc Intlg produzido deve atender para os seguintes critérios:

- a) conciliar os princípios da segurança e da oportunidade, mediante o emprego dos meios de difusão mais apropriados; e
- b) chegar aos usuários em tempo oportuno, permitindo a elaboração de planos e o desencadeamento de ações coerentes com a situação.

1.3.11.5 A difusão dos Conhc Intlg é feita por intermédio de vários tipos de canais de transmissão, observando o princípio da oportunidade e da segurança. Existem diversos métodos e técnicas para disseminar informação e inteligência. A técnica apropriada em uma situação específica depende de muitos fatores, como as capacidades disponíveis e os requisitos da missão.

1.3.11.6 A apresentação da informação pode ser feita em formato verbal, escrito, interativo ou gráfico. O tipo de informação, o tempo disponível e as preferências do comandante influenciam a escolha do formato. Respostas aos EEI exigem disseminação direta ao Comandante, aos Comandantes subordinados e ao Estado-Maior.

1.3.11.7 A estrutura de difusão deve possuir recursos tecnológicos eficazes e seguros, que possibilitem a sua expansão e/ou atualização, sem que haja solução de continuidade. A aplicação de tecnologias disruptivas que aperfeiçoem o Ciclo da IM deve ser explorada sem, contudo, comprometer a proteção dos Conhc Intlg.

1.3.11.8 Os sistemas de Intlg e de comunicações continuam evoluindo em termos de sofisticação, aplicação tecnológica e acessibilidade ao Comandante, ao EM e às forças amigas. Suas capacidades crescentes também geram um volume sem precedentes de informações disponíveis aos Comandantes em todos os escalões. O Cmt e o EM devem ter uma compreensão básica dos sistemas de **difusão** de conhecimentos e de sua contribuição para a F Cmb Intlg.

1.3.11.9 As Células de Intlg devem planejar métodos e técnicas alternativos para difundir informações e conhecimentos quando os meios normais não estiverem disponíveis. Por exemplo, a **difusão** pode ser feita por meio de oficiais de ligação ou pacotes logísticos programados desde que qualquer informação classificada esteja devidamente protegida, por criptografia, por exemplo, e os indivíduos envolvidos estejam autorizados como correios oficiais.

1.3.12 REALIMENTAÇÃO

1.3.12.1 A realimentação do Ciclo da IM é uma atividade contínua, que consiste no contato direto e permanente entre os executantes de cada uma das atividades, permitindo readequações durante todo o processo. Está intimamente ligada à atividade contínua de **avaliação**.

1.3.12.2 Os resultados da obtenção realimentam o Comando e o Estado-Maior, que pode redirecionar seus planejamentos, visualizar novas NI e reorientar o esforço dos meios de obtenção.

1.3.12.3 Novos conhecimentos produzidos realimentam as demais atividades, proporcionando melhor consciência situacional e, por consequência, alterando a percepção dos componentes do ambiente operacional. Essa nova percepção responderá algumas NI e dará origem a novas, reiniciando o ciclo.

1.3.13 AVALIAÇÃO

1.3.13.1 A Avaliação é uma ação contínua dentro do PPCOT, interligada ao controle das operações. Para fins de IM, a **avaliação** refere-se ao monitoramento e à avaliação contínuos da situação atual, em especial das atividades significativas da ameaça e das mudanças no Ambi Op. Os analistas devem considerar todos os domínios e as dimensões do Ambi Op ao realizar essa avaliação contínua.

1.3.13.2 A avaliação da situação começa desde o recebimento da missão e continua por todo o Ciclo da IM. Essa **avaliação** é essencial para prover a consciência situacional e permite que Comandantes, Estados-Maiores e Oficiais de Inteligência garantam a sincronização da IM.

1.3.13.3 A Cel Intlg produz continuamente avaliações com base nas operações, nas características do terreno, nas considerações civis, na situação da ameaça, no esforço de obtenção de informações, nos eventos na Área de Interesse e nos efeitos de cada elemento sobre os demais, que interagem entre si para formar um Ambi Op dinâmico. Essas avaliações são críticas para:

- a) garantir que as NI sejam respondidas;
- b) redirecionar os meios de obtenção para levantar novas NI;
- c) garantir que as operações ocorram de forma eficaz;
- d) assegurar o uso adequado da informação e da inteligência; e
- e) identificar esforços de negação e dissimulação da ameaça.

CAPÍTULO II

AS ESTRUTURAS DE INTELIGÊNCIA

2.1 CONCEPÇÃO

2.1.1 A IM divide-se em dois ramos: Inteligência (Intlg) e Contraineligência (CI). Baseia-se em três funções gerais, a obtenção, a análise e o suporte, que são desenvolvidas por todos os seus componentes, atuando em prol de ambos os ramos.

2.1.2 Os meios de obtenção atuam no ambiente operacional como sensores de dados sobre ameaças e oportunidades existentes.

2.1.3 Os meios de análise produzem os conhecimentos que subsidiam os Cmt e seus EM nos diversos níveis.

2.1.4 Os meios de suporte permitem a ligação dos meios de obtenção com os de análise, empregando a Tecnologia de Informação e Comunicações (TIC) e fornecendo insumos tecnológicos para o aperfeiçoamento das ações de ambos, seja por ferramentas de análise, seja por sistemas de gestão de banco de dados.



Fig 2-1 – Funções Gerais na Inteligência

2.2 MEIOS DE OBTENÇÃO

2.2.1 Os meios de obtenção são as estruturas responsáveis pela busca ou pela coleta do dado, podendo ser especializados ou não, divididos em OMIM, frações orgânicas das OM das diversas capacidades operacionais e outros sensores, como as Forças Componentes (F Cte), organizações civis, agências etc.

2.2.2 As OMIM são estruturas que possuem frações específicas para a obtenção de dados em Op militares, desde a paz até a guerra.

2.2.3 As OMIM estão aptas a executar todas as atividades do processo de IRVA, apoiando a obtenção e a manutenção da consciência situacional, proporcionando a desejável superioridade de informações, além de possuir capacidade de realizar a busca por ameaças.

2.2.4 As demais OM também cooperam, fornecendo dados e conhecimentos que contribuem para o planejamento e a coordenação do emprego dos meios de IRVA, em todos os níveis e todas as dimensões.

2.2.5 Dentro da estrutura organizacional da F Ter, existem três níveis de OMIM:

- o Grupamento de Inteligência Militar (Gpt Intlg Mil), que atua em proveito do Corpo de Exército (C Ex);
- o Batalhão de Inteligência Militar (BIM), que atua em proveito de uma Divisão de Exército (DE); e
- a Companhia de Inteligência Militar (CIM), que atua em apoio às Brigadas (Bda).

2.2.6 MEIOS DE OBTENÇÃO NÃO ESPECIALIZADOS

2.2.6.1 Os meios de obtenção não especializados são as frações orgânicas das OM das diversas capacidades operacionais da F Ter e/ou frações de outras F Cte, organizações civis, agências, entre outras, que podem ser acionadas para a execução de atividades e das tarefas no contexto do emprego do conceito IRVA, visando à intensificação de meios e à disposição da obtenção dos dados necessários às Op.

2.2.6.2 O conceito de que “todo soldado é um sensor” deve ser amplamente explorado. Para tanto, o POI, documento utilizado para coordenar a aquisição de dados e conhecimentos, deve contemplar as missões por parte das diversas capacidades operacionais. As atividades e as tarefas para o cumprimento das missões devem ser precedidas pelo levantamento dos dados necessários, por orientação da estrutura de Intlg presente e de acordo com as ordens do comando da Op.

2.2.6.3 Podem ser consideradas também, como meios de obtenção não especializados, as frações que produzem imagens e informações geográficas de alto valor para a IM, contribuindo para a produção do Conhc Intlg.

2.2.6.4 Cabe destacar que outras capacidades são fundamentais para a obtenção e a análise de conhecimentos. Assim, as frações que realizam reconhecimento, vigilância, monitoramento e busca de alvos contribuem sobremaneira para a consciência situacional.

2.3 MEIOS DE ANÁLISE

2.3.1 Os meios de análise são as estruturas responsáveis pela integração dos dados disponíveis para a produção do conhecimento que apoiará as decisões dos Cmt, nos diversos níveis, colaborando para a consciência situacional e mitigando as incertezas.

2.3.2 As NI, organizadas em EEI e em ONI, servem de orientação para a produção do conhecimento.

2.3.3 CÉLULA DE INTELIGÊNCIA

2.3.3.1 A Célula de Inteligência (Cel Intlg) é uma estrutura organizada para uma determinada Op militar, sob a chefia do Of Intlg do escalão considerado. É responsável pela realização do Exm Sit Intlg, formulando análises ligadas à situação existente, expressando as possibilidades das ameaças, atuais e potenciais, bem como suas vulnerabilidades.

2.3.3.2 Simultaneamente, a Cel Intlg realiza o Exm Sit CI, que determina e prioriza as possibilidades da Intlg da ameaça e suas repercussões sobre nossas linhas de ação (L Aç). Esse trabalho deve ser utilizado pelas demais seções do EM para estimar os efeitos das ameaças sobre suas áreas de responsabilidade, em particular pela Seção de Operações (Seç Op), devido ao constante fluxo de comunicação entre a Intlg e as Op.

2.3.3.3 É importante também que a Cel Intlg possa contar com o apoio de especialistas em outras áreas. Nesse sentido, destaca-se a necessidade do apoio de um especialista em meteorologia, principalmente quando o escalão considerado atuar de forma isolada e não enquadrado por um Comando Conjunto. A presença desse especialista facilita o entendimento da influência das condições meteorológicas, atuais e futuras, no ambiente operacional considerado nas Op, por meio da obtenção, interpretação de dados e confecção de boletins meteorológicos, que alimentarão o planejamento das demais células do EM.

2.3.3.4 Todas as Células Funcionais do comando considerado (seções do EM organizadas para uma Op) participam do planejamento de Intlg, apresentando suas NI, possibilitando a consolidação de todas elas no POI.

2.3.3.5 A relação a seguir exemplifica algumas das atividades cuja coordenação pela Cel Intlg é necessária ao planejamento:

- a) emprego de tropas para missões de Intlg;
- b) instruções de Intlg;
- c) necessidade de cartas, imagens e estudos;
- d) reconhecimento aéreo, fotográfico e visual;
- e) reconhecimento aerotático ou por aeronaves remotamente pilotadas;

- f) participação no processo de seleção e priorização de alvos;
- g) evacuação de civis não combatentes;
- h) influência das instituições civis, das atitudes e das atividades das lideranças civis, da população, da opinião pública, do meio ambiente e das agências civis no Espaço de Batalha;
- i) estruturas de especialistas de Intlg empregadas; e
- j) meios de obtenção de dados existentes no Teatro de Operações/Área de Operações (TO/A Op).

2.3.4 CENTRAL DE INTELIGÊNCIA

2.3.4.1 A Cent Intlg é uma estrutura integradora, modular e flexível, dotada de meios de análise e de difusão, vocacionada para produzir conhecimentos de Intlg, prioritariamente e com oportunidade, em apoio a uma Cel Intlg.

2.3.4.2 As OMIM possuem meios para mobiliar a Cent Intlg com a finalidade de realizar a produção de conhecimentos de Intlg em prol do escalão apoiado.

2.3.4.3 A Cent Intlg integra os dados obtidos de várias fontes, tornando o conhecimento mais completo e confiável, proporcionando maior consciência situacional e, consequentemente, superioridade de informações ao escalão apoiado. Isso é refletido pela complexidade tecnológica, pelo quadro de incerteza característico de muitas Op atuais e pela necessidade de reforçar o ambiente de Comando e Controle (C²) com pessoal especializado e meios, com a finalidade de potencializar a capacidade de produzir e de difundir conhecimentos com oportunidade.

2.3.4.4 A Cent Intlg participa ativamente de todas as fases do Ciclo da IM por meio das suas células integrantes. Sua atuação, normalmente, ocorre antes, durante e após o desencadeamento de uma determinada Op.

2.3.4.5 A Cent Intlg contribui com a Cel Intlg para potencializar os resultados do PITCIC.

2.3.4.6 A estrutura e os meios de uma Cent Intlg estão diretamente relacionados com a Op a ser apoiada, com a complexidade dos conhecimentos necessários e com o volume dos meios de obtenção dos diversos sensores empregados.

2.3.4.7 A OMIM é responsável por desdobrar a Cent Intlg do escalão apoiado por intermédio de sua fração de análise. Nesse sentido, o ideal é que a estrutura da Cent Intlg seja justaposta às instalações da Cel Intlg.

CAPÍTULO III

SITUAÇÕES DE COMANDO E FORMAS DE APOIO

3.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

3.1.1 As OMIM atuam prioritariamente em prol dos Grandes Comandos (G Cmdo) ou das Grandes Unidades (GU) a que estão subordinadas, podendo, ainda, em virtude das necessidades, serem empregadas junto a outros elementos do TO. Assim, as OMIM podem estar submetidas a diferentes situações de comando e/ou formas de apoio.

3.1.2 As situações de comando e as formas de apoio a que as OMIM estão sujeitas permitem maior flexibilidade e dinamismo à F Cmb Intlg para o exercício de sua missão primordial de contribuir com a permanente atualização da consciência situacional dos comandantes, permitindo melhores condições para condução do processo decisório.

3.2 SITUAÇÕES DE COMANDO

3.2.1 As OMIM e suas frações podem ser empregadas nas seguintes situações de comando: Comando Operacional, Controle Operacional, Reforço e Integração.

3.2.2 O Comando Operacional consiste na subordinação da OMIM ou de fração de IM a um comando que determinará a composição das forças, designará missões e objetivos, bem como orientará e coordenará as operações a serem realizadas. A OMIM ou fração manterá sua autonomia no que se refere aos assuntos de administração, organização interna, instrução e adestramento, embora possa solicitar assistência nesses assuntos ao comando a que foi submetida.

3.2.3 Quando apoiando em **Controle Operacional**, a OMIM ou fração de IM será empregada e controlada pelo comandante apoiado, em missões e/ou tarefas específicas e limitadas, para o cumprimento de sua missão. No entanto, o elemento apoiado não tem autoridade para empregar separadamente os componentes das forças em apoio, bem como não poderá exercer o seu controle logístico e administrativo. Após cessar as circunstâncias que exigiam a situação de Controle Operacional, a força em apoio reverterá ao comando que o enquadrava anteriormente.

3.2.4 O Reforço consiste na subordinação da OMIM ou fração a um comando que lhe determinará a forma de se organizar, sua missão, composição de forças, objetivos, instrução, adestramento e assuntos administrativos. Nessa situação, a logística passa a ser planejada e coordenada pelo comando que recebe o BIM ou a fração de IM.

3.2.5 A Integração consiste na subordinação da OMIM ou fração de IM, de forma temporária, a uma organização de constituição variável, uma força-tarefa ou um destacamento. As particularidades são semelhantes à situação de comando de Reforço.

3.3 FORMAS DE APOIO

3.3.1 As OMIM e suas frações de IM podem ser empregadas nas seguintes formas de apoio: Apoio ao Conjunto, Apoio Suplementar, Apoio Direto e Apoio Específico.

3.3.2 O Apoio ao Conjunto é a forma de apoio de IM na qual a OMIM ou fração de IM atua em prol de todos os elementos subordinados ao escalão enquadrante. Nessa situação, os produtos das atividades e as tarefas da OMIM ou da fração de IM serão coordenados por intermédio do POI e atenderão às NI levantadas pelo EM e aprovadas pelo Cmt daquele escalão. Nessa forma de apoio, o planejamento, a execução da logística, assim como as atividades administrativas ficam a cargo do Cmt da OMIM.

3.3.3 O Apoio Suplementar é a forma de apoio na qual a OMIM ou fração de IM atua em prol de outro elemento de IM, de forma a aumentar sua capacidade operacional. Nessa forma de emprego, os meios que forem disponibilizados respondem ao comando do elemento apoiado enquanto durar a situação de apoio.

3.3.4 O Apoio Direto é a forma de apoio na qual a OMIM ou fração de IM atua em prol de um elemento que não possui capacidade de IM em suas frações orgânicas. A OMIM ou fração de IM permanece subordinada ao comando de origem, entretanto atende com prioridade ao elemento apoiado. A logística e as atividades administrativas continuam sob o encargo da OMIM apoiadora.

3.3.5 O Apoio Específico é uma forma de apoio de IM na qual a OMIM ou fração de IM atua para o cumprimento de uma atividade ou tarefa específica de IM, de forma momentânea e temporária. Nessa situação, as missões, a logística e a administração ficam sob encargo temporário do escalão apoiado até a conclusão das atividades ou tarefas que exigiram o apoio.

3.4 SUPERVISÃO TÉCNICA

3.4.1 A supervisão técnica, embora não se configure como uma situação de comando ou forma de apoio, é uma função crítica que garante uma coordenação no emprego das frações de fontes humanas especializadas em todo o TO/Op, quando a situação tática envolver alto grau de risco em relação à segurança do pessoal e à execução das ações de obtenção de dados.

3.4.2 A supervisão técnica será exercida por meio de pessoal especializado da OMIM do mais alto escalão em presença no TO/A Op, que estabelecerá a observação e as orientações necessárias às demais organizações de IM no âmbito da FTC, por meio do canal técnico de inteligência, garantindo que as ações especializadas de Inteligência estejam sendo conduzidas de maneira eficaz, mesmo em uma conjuntura operacional de alta sensibilidade.

3.4.3 Dentre as ações da supervisão técnica, destacam-se as seguintes:

- definir, gerenciar ou prescrever técnicas de emprego específicas;
- identificar critérios técnicos críticos de coleta;
- recomendar técnicas e procedimentos de coleta;
- guiar o uso de ativos de coleta específicos;
- fornecer dados ou bancos de dados técnicos de apoio;
- conduzir coordenação operacional; e
- conduzir treinamento especializado em inteligência.

3.4.4 O emprego da supervisão técnica não limita a autoridade do comandante direto da OMIM, sob qualquer situação de comando ou forma de apoio, mas serve como mecanismo para garantir a execução eficaz das atividades e das tarefas de obtenção de dados.

CAPÍTULO IV

A INTELIGÊNCIA NAS OPERAÇÕES DE MOLDAGEM

4.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

4.1.1 As ações de Inteligência são empregadas nas operações de moldagem pelo Comandante para dar melhores condições para as ações decisivas.

4.1.2 Essas ações são conduzidas pelas OMIM e outras frações de reconhecimento e vigilância nos diversos escalões, contribuindo com a produção de conhecimentos em prol das demais ações nas operações de moldagem.

4.2 O APOIO DE INTELIGÊNCIA ÀS OPERAÇÕES DE MOLDAGEM

4.2.1 A IM contribui com as operações de moldagem desde o planejamento conceitual, ao realizar uma análise dos fatores operacionais do Ambi Op, tais como Político, Militar, Econômico, Social, Informacional, Infraestrutura, Ambiente Físico, Tempo (PMESIIAT), para favorecer o alinhamento das ações militares com as outras expressões do Poder Nacional.

4.2.2 Uma vez que as operações visam produzir efeitos para modelar o Ambi Op, principalmente em relação às ameaças e aos outros atores relevantes, a IM contribuirá, no planejamento detalhado, com uma análise o mais completa possível do Ambi Op.

4.2.3 Os conhecimentos relativos às ameaças permitirão ao EM visualizar os efeitos necessários para neutralizar as suas capacidades e planejar as ações cinéticas e não cinéticas que buscarão o atingimento de tais efeitos.

4.2.4 Além disso, ao realizar a análise dos efeitos ambientais sobre as operações, a IM permite o entendimento das relações entre os atores presentes, incluindo a população civil, contribuindo com o planejamento das diversas capacidades envolvidas nas operações de moldagem.

4.2.5 A IM pode apoiar as diversas ações nas operações de moldagem, ainda, por meio de ações de **desinformação**. Tais ações terão como alvo os meios de obtenção da inteligência adversa, confundindo o seu centro decisor. Isso induz a ameaça a atrasar e/ou cometer erros no seu processo decisório, criando vantagens para as forças amigas e impedindo que a ameaça alcance a iniciativa das ações.

4.3 NECESSIDADES DE INTELIGÊNCIA NAS OPERAÇÕES DE MOLDAGEM

4.3.1 Nas operações de moldagem, as NI podem incluir:

- a) atores relevantes, seus objetivos, estratégias, capacidades e vulnerabilidades;
- b) relações entre os atores;
- c) influenciadores e mídias relevantes e seus vieses;
- d) características e anseios da população presente no Ambi Op e suas lideranças;
- e) moral da tropa inimiga e das ameaças irregulares;
- f) capacidades das ameaças, seus requisitos críticos e vulnerabilidades;
- g) sistemas cibernéticos e suas vulnerabilidades;
- h) sistemas estratégicos-operacionais de comando, controle e comunicações;
- i) meios aéreos estratégicos;
- j) sistemas de defesa antiaérea;
- k) indústria de defesa;
- l) centros logísticos; e
- m) áreas do terreno que exijam preparação.

CAPÍTULO V

A INTELIGÊNCIA NAS OPERAÇÕES BÁSICAS

5.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

5.1.1 Para a F Ter, as operações básicas (Op B) são as operações ofensivas (Op Ofs), defensivas (Op Def) e as de estabilização.

5.1.2 As Op básicas podem ocorrer, simultânea ou sucessivamente, em qualquer espectro do Contínuo de Competição, desde a paz, passando pela situação de crise até o conflito armado ou guerra, a fim de que sejam estabelecidas as condições para alcançar os objetivos definidos e atingir o EFD. Para tanto, os escalões empregados combinarão ações cinéticas e não cinéticas, de forma sinérgica, convergente e indissociável, obrigando o inimigo a atuar em diversas frentes, tangíveis e intangíveis.

5.1.3 As Op são realizadas nos diversos domínios e dimensões do combate. A combinação de atitudes confere aos Cmt amplas possibilidades para o emprego de seus meios, exigindo coordenação e proporcionando flexibilidade.

5.2 OPERAÇÕES OFENSIVAS

5.2.1 As operações ofensivas constituem ações militares de caráter agressivo, nas quais predominam o movimento, a manobra e a iniciativa, com a finalidade de cerrar sobre o inimigo e aplicar poder de combate superior, no local e no momento decisivo, para destruí-lo ou neutralizá-lo por meio do fogo, do movimento e da ação de choque. São essenciais para a obtenção de resultados decisivos, ainda que impliquem riscos, exigindo superioridade relativa de forças no esforço principal.

5.2.2 A IM deve fornecer, de forma oportuna, informações e conhecimentos que permitam ao comando manter a iniciativa, aplicar recursos de forma precisa, antecipar as intenções do oponente e proteger as próprias forças. Nesse contexto, torna-se imprescindível a atuação dinâmica e contínua do PITCIC.

5.2.3 Em uma Op Ofs, é fundamental a obtenção de informações que proporcionem segurança à Força atacante e que permitam identificar o local e o momento adequado para concentrar o poder de combate suficiente para neutralizar a força inimiga ou amaeça. Para tanto, torna-se fundamental a rapidez no processamento do Ciclo da IM.

5.2.4 A Intlg deve proporcionar ao Cmdo uma adequada consciência situacional, fruto do PITCIC, além da avaliação contínua da situação, com a oportunidade necessária para obter o êxito na realização do ataque.

5.2.5 Nas Op Ofs, as NI podem incluir:

- a) localização, dispositivo, composição, valor, equipamentos, pontos fortes e vulnerabilidades da Força Inimiga (F Ini) defensora;
- b) sistemas de armas de fogo;
- c) flancos suscetíveis a ataques;
- d) áreas para ataques aéreos amigos e inimigos;
- e) localização de unidades de armas de defesa aérea do inimigo e de mísseis;
- f) Guerra Eletrônica (GE) inimiga;
- g) capacidades, limitações, disponibilidade e localização dos meios de Defesa Antiaérea (DAAe) inimigos;
- h) Guerra Cibernética (G Ciber) inimiga;
- i) sistema de Comando de Controle (C²) inimigo;
- j) efeitos do terreno e condições meteorológicas sobre as Op;
- k) considerações civis atuais e futuras;
- l) capacidades das estruturas de inteligência à disposição do inimigo;
- m) quantidade de eixos de deslocamento/suprimento e a direção do movimento de civis deslocados;
- n) eixos de retirada das F Ini;
- o) posições de aprofundamento da defesa inimiga;
- p) localização de obstáculos anticarro;
- q) localização, natureza e valor de tropas em reserva; e
- r) obras de arte de interesse (pontes, túneis, viadutos) nas áreas de posse do inimigo.

5.2.6 As ações da Inteligência devem acompanhar a manobra ofensiva desde o planejamento até o aproveitamento do êxito, com especial atenção às transições entre os tipos de operações, mantendo a consciência situacional do comandante por meio de fluxos contínuos de dados verificados, oportunos e integrados. A presença de frações de inteligência junto à força de cobertura, às vanguardas e aos flancos é essencial para a antecipação de ameaças e para a detecção de oportunidades táticas.

5.3 OPERAÇÕES DEFENSIVAS

5.3.1 As operações defensivas visam preservar a posse de uma área ou infraestrutura, negar seu controle à força inimiga/ameaça, ou garantir a integridade de uma unidade ou meio, infligindo o máximo de desgaste e desorganização ao oponente. Em geral, buscam criar condições mais favoráveis para a retomada da ofensiva. Mesmo sendo normalmente desencadeadas sob condições adversas, como inferioridade de meios ou liberdade de ação limitada, são parte essencial da manobra geral, podendo ser planejadas deliberadamente ou impostas momentaneamente pela situação tática.

5.3.2 A IM tem papel central na condução das operações defensivas, ao fornecer, com a devida oportunidade, informações e conhecimentos que possibilitem aos Comandantes entenderem a natureza, a direção, o ritmo e a força dos ataques da ameaça. Nesse sentido, a Intlg deve oferecer suporte às Op Def para identificar objetivos inimigos, possíveis abordagens, vulnerabilidades e suas capacidades.

5.3.3 As estruturas de Inteligência de cada escalão devem utilizar ao máximo o tempo de preparação das Op para se antecipar na aquisição de dados, empregando os meios de obtenção o quanto antes possível.

5.3.4 Nas Op Def, as NI podem incluir:

- a) localização, dispositivo, composição, valor, equipamentos, pontos fortes e vulnerabilidades da F Ini atacante, bem como de suas reservas;
- b) objetivos do inimigo;
- c) localização de possíveis áreas de desdobramento das F Ini;
- d) localização dos sistemas de armas de fogo inimigos, unidades de artilharia e armas de DAAe e de mísseis;
- e) localização de radares antiaéreos e de vigilância do espaço aéreo do inimigo;
- f) disponibilidade de armas químicas, biológicas, radiológicas e nucleares (QBRN);
- g) GE inimiga;
- h) G Ciber inimiga;
- i) sistema de C² inimigo;
- j) efeitos do terreno e condições meteorológicas sobre as Op;
- k) considerações civis atuais e futuras;
- l) quantidade, eixos de deslocamento/suprimento e a direção do movimento de civis deslocados;
- m) eixos de retirada das F Ini; e
- n) capacidades das estruturas de inteligência à disposição do inimigo.

5.4 OPERAÇÕES DE ESTABILIZAÇÃO

5.4.1 As operações de estabilização se desenvolvem condicionadas por uma série de variáveis relacionadas a aspectos políticos, militares, sociais, econômicos, entre outros, com alvo na resolução de temas complexos e gestão de conflitos e crises, tais como riscos à paz social, tragédias sociais, catástrofes ambientais, realização de grandes eventos e missões de manutenção da paz mundial.

5.4.2 CONTROLE E SEGURANÇA DE ÁREA

5.4.2.1 A diversidade de missões exige que o conhecimento acerca das características da eventual perturbação da ordem pública, da A Op e da população da região envolvida seja fornecido oportunamente e de forma contínua, no sentido de orientar a tomada de decisão.

5.4.2.2 Em relação ao ambiente operacional, desenvolve-se, majoritariamente, em área urbana, com grande densidade populacional, o que favorece a ocorrência de danos colaterais à população e impactos negativos à imagem da Força. A Intlg deve orientar seus esforços para subsidiar um minucioso planejamento para o emprego da tropa e para a proteção da imagem da Força.

5.4.3 APOIO AO ESTADO

5.4.3.1 As Op de Apoio ao Estado são caracterizadas pelo conjunto de ações realizadas pelas Forças Armadas (FA) em apoio a órgãos governamentais, com objetivo de cooperar para o desenvolvimento nacional e o bem-estar social.

5.4.3.2 As Op de Apoio ao Estado compreendem ações de: apoio à Defesa Civil no atendimento a calamidades públicas; emprego da engenharia militar em obras de infraestrutura do país ou restabelecimento de tráfego; emprego de meios de transporte de dotação militar, em Op de busca e salvamento; transporte de civis e evacuação de áreas em situações de emergência; distribuição de donativos; atendimento médico; e assistência religiosa.

5.4.3.3 A gama de ações nas Op de Apoio ao Estado, que podem ser ampliadas conforme as possibilidades das FA, concentra-se nas seguintes áreas: engenharia (Eng), saúde, aviação, C² e logística. Tais áreas norteiam a atividade de Intlg. Em todas, a produção do conhecimento necessário é direcionada para apoiar ações específicas, tais como salvamento de vidas, restauração da infraestrutura e dos serviços essenciais, manutenção e suporte ao governo local, bem como emprego de meios logísticos e de C².

5.4.3.4 Apesar da inexistência de um conflito, o emprego da Intlg permeia as áreas supracitadas, particularmente com informações que permitem uma análise integrada de como o terreno, as condições meteorológicas e as considerações civis condicionam as ações, que serão desenvolvidas por intermédio de dados reais e efetivos para auxiliar a tomada de decisões adequadas, representando um processo de apoio ao exame de situação, em especial durante a montagem das L Aç e, posteriormente, com atualizações do cenário.

5.4.3.5 Há necessidade de que a Intlg realize um acompanhamento da sua evolução, particularmente, com atenção aos reflexos sobre a imagem da Força.

5.4.3.6 Apesar de serem consideradas uma Op de Apoio ao Estado, as Op na faixa de fronteira merecem atenção especial por sua complexidade e por estarem diretamente relacionadas com a soberania nacional e a inviolabilidade do território brasileiro. Regido por legislação específica, o emprego das FA nessa região é caracterizado pela possibilidade de exercer o poder de polícia.

5.4.3.7 Nas Op na faixa de fronteira, a Intlg volta suas atenções para as ameaças envolvidas nos delitos transnacionais, ambientais e em outras violações na faixa

de fronteira, que possam impactar a soberania nacional. Para isso, cresce de importância a integração com os órgãos de segurança pública federais e estaduais atuantes na área, órgãos de fiscalização ambiental e outras agências com responsabilidade na região.

5.4.4 AJUDA HUMANITÁRIA

5.4.4.1 O emprego da IM em Op de Ajuda Humanitária deverá ser planejado de acordo com as características específicas de cada uma delas, considerando a presença de forças adversas, ameaças naturais e a situação – paz, crise, conflito armado ou guerra.

5.4.4.2 Caberá à Célula de Inteligência a análise do Ambi Op, no sentido de esclarecer para o Cmt e o EM a situação, atores e grupos envolvidos na operação, incluindo atores externos com interesse na exploração midiática do problema, entre outros.

5.4.4.3 Considerando o ambiente interagências, característico desse tipo de Op, deve ser dada especial atenção à montagem da arquitetura de inteligência, considerando os aspectos relacionados à segurança da informação. O Exame de Situação de Contrainteligência deverá indicar o que deverá ser compartimentado e o que será compartilhado.

5.4.5 COMBATE AO TERRORISMO

5.4.5.1 O terrorismo é um tema que requer ação coordenada dos órgãos de segurança e de defesa, em função da estrutura das organizações terroristas serem segregadas em células com autonomia e independência, o que dificulta a identificação e a localização de seus integrantes.

5.4.5.2 A complexidade do tema terrorismo e seus reflexos para a soberania do país exigem uma integração maior entre os envolvidos, representando uma preocupação significativa quanto ao fortalecimento dos laços de confiança e ao respeito às respectivas culturas organizacionais, valendo-se de instruções e ações psicológicas adequadas, com foco nas ameaças inimigas de espionagem, sabotagem, terrorismo e subversão do pessoal.

5.4.6 SEGURANÇA DA ÁREA DE RETAGUARDA

5.4.6.1 A IM apoia as Operações de Segurança da Área de Retaguarda por meio da elaboração e monitoramento das linhas de ação que a ameaça pode adotar, com foco nessa porção do Ambi Op.

5.4.6.2 O ramo da CI exerce um papel fundamental, elencando e priorizando os ativos que devem ser protegidos e sugerindo medidas a serem adotadas.

5.4.7 CONTRA FORÇAS IRREGULARES

5.4.7.1 As primeiras ações da IM para apoiar Op contra Forças Irregulares consistem em caracterizar a ameaça a ser enfrentada, que pode ser nacional ou estrangeira, atuando dentro ou fora do território nacional.

5.4.7.2 A decomposição de tal ameaça, seguindo a metodologia de produção do conhecimento, é fundamental para o entendimento desse alvo como um sistema, identificando não só os componentes das F Irreg, mas também seus apoiadores e financiadores.

5.4.7.3 A análise do Ambi Op deve dedicar especial atenção à dimensão informacional, já que as F Irreg fazem uso dela para conquistar o apoio de parte da população e da opinião pública.

5.4.7.4 O estudo das considerações civis é necessário para que se planejem as ações de combate às F Irreg sem, contudo, gerar reflexos negativos à população civil, uma vez que seu apoio é fundamental.

5.4.8 EVACUAÇÃO DE NÃO COMBATENTES

5.4.8.1 Nesse tipo de Op de Estabilização, a IM deve estar atenta às ameaças que podem realizar ações contra a população civil a ser evacuada. Para isso, é importante considerar as forças contrárias à evacuação dos não combatentes, ou seja, aquelas a quem interessa a manutenção de civis em determinado local, seja para sua exploração no ambiente informacional, seja para exercer pressão por meio do terrorismo, entre outros.

5.4.8.2 A IM deve estar sempre atenta à possibilidade de haver elementos da força adversa entre os não combatentes que estão sendo evacuados.

5.4.8.3 Além disso, a população civil a ser evacuada também constitui em uma fonte de dados sobre as ameaças presentes, sobre a dimensão informacional do Ambi Op e sobre as mudanças ambientais mais recentes na A Op. Portanto, toda a tropa empregada nesse tipo de operação deve ser preparada para atuar como um sensor de inteligência junto aos não combatentes.

5.4.9 NECESSIDADES DE INTELIGÊNCIA DAS OPERAÇÕES DE ESTABILIZAÇÃO

5.4.9.1 As Op de estabilização, caracterizadas por um ambiente complexo, com grande interação com a população e influência de atores não oficiais e de indivíduos sobre as operações, terão como principais NI aspectos relacionados aos seguintes fatores:

a) identificação das causas que estão ocasionando a instabilidade de uma área ou região;

- b) identificação das infraestruturas de transporte, de comunicações e de energia que possam dar suporte às operações e aos civis;
- c) identificação e reconhecimento de eixos humanitários e pontos de reunião;
- d) identificação da infiltração de elementos hostis junto à população civil;
- e) planos de evacuação de embaixadas e de consulados;
- f) os principais atores presentes no ambiente, influenciadores, grupos e organizações, as lideranças políticas e sociais e outros aspectos psicossociais;
- g) monitoramento das rotas que possuem fluxo de refugiados e não combatentes;
- h) levantamento da presença de organizações criminosas, grupos terroristas, guerrilheiros e combatentes infiltrados junto aos civis;
- i) monitoramento dos aspectos relativos ao ciberespaço e à dimensão informacional, bem como da percepção relativa à nossa Força (favorável ou desfavorável);
- j) monitoramento da posse de armamento, agentes químicos, radioativos ou biológicos por parte dos não combatentes;
- k) levantamento das lideranças civis e influenciadores;
- l) levantamento do efetivo de refugiados e não combatentes a ser evacuado e acolhido;
- m) levantamento do estado sanitário desse público;
- n) levantamento das características culturais (religião, etnia etc.);
- o) levantamento das capacidades das ameaças que podem executar ações para obter efeitos contra a população e contra os nossos ativos, incluindo a A Rtg;
- p) levantamento das mídias na A Op capazes de influenciar o comportamento da população;
- q) levantamento da existência de obstáculos ou pontos críticos na rota de escoamento de refugiados;
- r) levantamento do impacto das condições meteorológicas sobre o fluxo de refugiados;
- s) levantamento dos antagonismos entre a população local e os refugiados/não combatentes tanto no percurso do fluxo quanto na área de destino seguro;
- t) monitoramento das possíveis violações ao Direito Internacional Humanitário e ao Direito Internacional dos Conflitos Armados;
- u) levantamento de áreas de interesse para o processamento dos evacuados, em particular, a área de reunião de evacuados e os locais de destino seguro;
- v) estruturas logísticas e serviços essenciais que possam dar suporte à operação; e
- x) atores externos que possam exercer pressões políticas, informacionais etc.

CAPÍTULO VI

A INTELIGÊNCIA NAS OPERAÇÕES COMPLEMENTARES

6.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

6.1.1 Os elementos da F Ter executam as Operações Complementares (Op Cmpl) no contexto das Op B, de modo a ampliar, aperfeiçoar e/ou complementar as operações básicas das F Amg nas situações de guerra e de não guerra, a fim de maximizar a aplicação dos elementos do poder de combate. As Op Cmpl são definidas conforme o MC 3-0 *Operações*.

6.1.2 É de suma importância que, para cada Op Cmpl, existam NI propostas pelas unidades especializadas em cada tipo de Op e aprovadas pelos decisores responsáveis pela execução dessas Op, a fim de garantir a relevância e a precisão do assessoramento de Intlg.

6.2 RECONHECIMENTO

6.2.1 O Reconhecimento é conduzido com o propósito de obter dados sobre o inimigo e a área de operações, contribuindo diretamente para o esclarecimento da situação tática e o suporte à manobra da Força Terrestre. Seus fundamentos consistem em orientar-se segundo os objetivos de informação, difundir com rapidez e precisão os dados obtidos, evitar o engajamento decisivo, manter o contato com o oponente e esclarecer continuamente o ambiente operacional.

6.2.2 Os dados colhidos no Reconhecimento, quando processados, podem originar informações de combate que subsidiam o planejamento e a condução das operações pelos comandantes em todos os escalões, desde que ocorra uma análise de risco prévia. Caso o emprego da informação de combate não seja urgente, os dados processados deverão ser remetidos à Central de Inteligência para análise.

6.2.3 O reconhecimento se complementa com a segurança, fornecendo um grau adicional de proteção às forças amigas, especialmente quando orientado para a obtenção de dados sobre o inimigo.

6.2.4 As NI levantadas para o Reconhecimento devem permitir a adequada preparação, execução e exploração dos resultados da missão. Entre as principais NI, destacam-se:

- a) áreas prioritárias para o reconhecimento, conforme os objetivos de informação definidos pelo comando;
- b) dispositivo, composição, valor, organização e atividades recentes da F Ini;

- c) localização de sensores e sistemas de vigilância da F Ini, com ênfase em suas zonas de cobertura;
- d) presença de patrulhas, postos avançados e zonas de segurança do inimigo;
- e) obstáculos naturais e artificiais na área de reconhecimento, como campos de minas, barreiras e fortificações;
- f) aspectos do terreno que influenciem a observação, encobrimento e movimento das tropas (vegetação, relevo, compartimentação, hidrografia etc.);
- g) condições meteorológicas previstas que possam interferir na mobilidade e na visibilidade durante a operação;
- h) itinerários possíveis para infiltração e exfiltração, bem como áreas para reorganização e ocultação de meios;
- i) presença de população civil e aspectos socioculturais que possam interferir na liberdade de ação das frações de reconhecimento;
- j) atuação de elementos de inteligência ou operações especiais da F Ini na área a ser reconhecida;
- k) rotinas logísticas, fluxos de suprimento e outras atividades que revelem a presença e a intenção da F Ini; e
- l) grau de liberdade de ação da F Ini na região, com destaque para os fatores que possam indicar uma futura ofensiva, retração ou manobra de flanco.

6.2.5 O êxito do Reconhecimento depende da integração efetiva entre as estruturas de inteligência e os elementos de reconhecimento, com ênfase na agilidade da difusão dos dados obtidos e na constante retroalimentação das NI. A Contrainteligência, por sua vez, deve atuar de forma a garantir o sigilo e a proteção dos meios empregados, mitigando os riscos de comprometimento da missão por ações de busca, interferência ou desinformação da F Ini.

6.3 OPERAÇÕES DE SEGURANÇA

6.3.1 Entre as NI que devem ser levantadas para essas Op, destacam-se as seguintes:

- a) existência e emprego de recursos humanos e meios de GE;
- b) capacidades da ameaça em realizar ações de G Ciber;
- c) capacidades e localização dos meios IRVA da F Adv (sensores de fontes humanas, de sinais, de imagens etc.);
- d) emprego de elementos de Operações Especiais (Op Esp) no TO;
- e) capacidade de empregar elementos irregulares junto à população local;
- f) perfil das lideranças da ameaça;
- g) aspectos do terreno que possam favorecer a aproximação terrestre ou aérea da ameaça sobre as F Amg;
- h) aspectos das condições meteorológicas que possam dificultar a detecção da movimentação de meios da ameaça;
- i) vulnerabilidades existentes nos sistemas das F Amg que possam ser exploradas pela ameaça; e
- j) posicionamento das tropas inimigas na reserva.

6.3.2 As Operações de Segurança (Op Seg) podem estar ligadas às Operações de Dissimulação (Op Dsml), pois enquanto as primeiras negam informações ao oponente, as últimas buscam preencher essa ausência com informações que transmitam uma percepção equivocada ao adversário, conforme o interesse das F Amg. Dessa forma, um considerável número de NI será utilizado por ambas as Op.

6.3.3 Por serem Op que têm como uma das missões garantir a preservação do poder de combate da Força principal, faz-se necessário um minucioso planejamento de CI no levantamento das ameaças atuais e potenciais aos principais ativos das F Amg. Para tanto, deve-se considerar que a ameaça pode atuar de maneira regular, irregular ou híbrida, com uso combinado de forças inseridas junto à população local, aumentando a demanda pela coordenação das medidas de segurança ativa e orgânica.

6.4 SUBSTITUIÇÃO DE UNIDADES EM COMBATE

6.4.1 Quando as operações terrestres se estendem por períodos prolongados, torna-se necessária a substituição periódica das unidades empregadas. Os tipos de substituição são os seguintes: substituição em posição, ultrapassagem e acolhimento.

6.4.2 As operações de substituição de unidades em combate visam conservar o poder de combate das Forças Amigas, manter sua eficiência operativa, atender a imposições táticas e permitir a reequipagem, a instrução e o ensaio de forças para operações futuras. Podem ocorrer sob as formas de substituição em posição, ultrapassagem ou acolhimento, sendo todas altamente dependentes da coordenação e da cooperação entre as forças envolvidas.

6.4.3 O congestionamento de forças e meios resultante dessas Op requer que todas as preocupações sejam tomadas para reduzir a vulnerabilidade das Forças ao ataque inimigo durante as substituições. São essenciais uma estreita coordenação dos planos e uma cerrada cooperação entre as Forças que executam a substituição, tornando-se importante a troca de informações entre as células de Intlg das tropas substitutas e substituídas e a continuidade das atividades de Intlg.

6.4.4 A F Cmb Intlg deve fornecer os conhecimentos necessários para mitigar tais riscos, orientando o planejamento, a segurança da movimentação e o sigilo da substituição.

6.4.5 Dentre as principais NI que devem ser levantadas para o planejamento e a execução de qualquer tipo de substituição, destacam-se:

- a) localização, dispositivo e atividades recentes da F Ini nas imediações da Z Aç;
- b) capacidade da F Ini para realizar reconhecimento, vigilância e interdição de itinerários;

- c) atuação de elementos de Op Esp ou de inteligência da F Ini que possam comprometer o sigilo da operação;
- d) condições do terreno e vias de acesso utilizadas pelas F Amg para movimentação, com ênfase em locais de vulnerabilidade;
- e) condições meteorológicas que possam influenciar a visibilidade, o movimento e os meios de observação;
- f) capacidade da F Ini para empregar ações de GE, Ciber ou fogo indireto sobre os eixos logísticos ou posições em transição;
- g) grau de adestramento e moral da tropa inimiga em contato com a F Amg; e
- h) presença e disposição da população civil que possa interferir na segurança das operações.

6.4.6 SUBSTITUIÇÃO EM POSIÇÃO

6.4.6.1 A substituição em posição é uma operação na qual uma força, ou parte dela, é substituída por outra em uma posição defensiva. Pode ser executada para a continuidade da defesa ou para a preparação de uma futura operação ofensiva. A Inteligência deve prover os conhecimentos que permitam à força substituída adaptar-se ao dispositivo existente, com o menor grau possível de exposição.

6.4.6.2 As NI específicas para essa operação incluem:

- a) disposição atual da F Ini em relação à linha de contato e sua capacidade de explorar a movimentação das F Amg;
- b) cobertura de vigilância eletrônica, humana e de sensores da F Ini sobre a posição a ser substituída;
- c) existência de patrulhas e postos avançados inimigos em proximidade;
- d) grau de desgaste da tropa substituída e sua capacidade de manter a defesa até a passagem do comando;
- e) condição atual do sistema de C² e da organização do terreno na posição defensiva;
- f) riscos de interceptação de comunicações e identificação de padrões operacionais pelas ações de Inteligência da F Ini;
- g) possibilidade de emprego de Op Psc pela F Ini para desestabilizar a moral da tropa substituída; e
- h) indicadores que revelem possível intensificação das ações ofensivas da F Ini no período da substituição.

6.4.7 ULTRAPASSAGEM

6.4.7.1 A ultrapassagem é uma operação ofensiva na qual uma força ataca por meio de outra que se encontra em contato com o inimigo. Pode ser empregada quando a força em contato está desfalcada, desgastada ou impossibilitada de prosseguir com a ofensiva. A IM deve permitir a identificação do momento e do local mais oportuno para a manobra, minimizando a exposição e maximizando a surpresa.

6.4.7.2 As NI específicas para a ultrapassagem são:

- a) dispositivo tático e intensidade dos fogos inimigos sobre a linha de frente das F Amg;
- b) vulnerabilidades no dispositivo da F Ini que possam ser exploradas pela força que ultrapassa;
- c) atividades recentes da F Ini que indiquem possibilidade de retraimento ou reconstituição de forças;
- d) localização dos sistemas de armas de tiro tenso e de apoio de fogos da F Ini com capacidade de interdição da manobra;
- e) existência de obstáculos e campos de minas não identificados nas áreas de passagem;
- f) condições do terreno nos itinerários de avanço da força que ultrapassa;
- g) cobertura aérea ou de vigilância eletrônica da F Ini sobre a Z Aç;
- h) atuação de elementos de reconhecimento e Op Esp da F Ini que possam comprometer o sigilo da força atacante; e
- i) reação esperada da F Ini frente à ruptura do contato.

6.4.8 ACOLHIMENTO

6.4.8.1 O acolhimento ocorre quando uma força realiza um movimento retrógrado e passa por uma força em posição defensiva. A IM deve apoiar a seleção dos pontos de passagem, a preservação da força retraída e o controle da situação até que a força em posição assuma plenamente a defesa.

6.4.8.2 As NI relacionadas ao acolhimento incluem:

- a) capacidade da F Ini de explorar o retraimento com ações ofensivas, interdição de rotas ou ataque aos pontos de transição;
- b) localização e atividade de sensores inimigos voltados para a Z Aç e itinerários de retraimento;
- c) possibilidade de emboscadas, ações de bloqueio ou incursões por elementos móveis da F Ini;
- d) grau de desgaste e coesão da força que será acolhida;
- e) vias adequadas para o movimento, com atenção às condições do terreno e ao tráfego;
- f) necessidade de apoio logístico e sanitário para a força retraída durante a passagem;
- g) capacidade da força em posição para assumir prontamente o controle da situação após o acolhimento;
- h) possibilidade de ações simultâneas de Op Psc ou GE por parte da F Ini, visando desorganizar o acolhimento; e
- i) nível de interferência da população local ou de forças irregulares na área de retraimento.

6.5 MOVIMENTO DE TROPAS

6.5.1 O movimento de tropas consiste no transporte de pessoal, material e instalações das unidades de um lugar para outro, usando qualquer meio disponível. Uma vez que o tempo é um dos fatores da decisão, a agilidade nesse movimento é fundamental para a concentração do poder de combate em pontos e em momentos decisivos.

6.5.2 As NI relacionadas ao movimento de tropas incluem:

- a) condições de trafegabilidade das vias terrestres e navegabilidade das vias fluviais;
- b) restrições ao movimento e pontos onde o movimento será canalizado;
- c) pontos de comandamento que podem ser utilizados pela ameaça, no itinerário;
- d) condições meteorológicas antes e durante os deslocamentos, bem como seus efeitos no Ambi Op;
- e) ameaças presentes ou potenciais nos itinerários e nos destinos;
- f) capacidades e localização de sensores e sistemas de vigilância da F Ini, com ênfase em suas zonas de cobertura, que possam monitorar os movimentos de tropa;
- g) pontos favoráveis à cobertura da observação por parte da ameaça;
- h) presença e características de população civil, bem como aspectos socioculturais que possam interferir na liberdade de ação das unidades que se movimentam;
- i) atuação de elementos de inteligência ou operações especiais da F Ini na área a ser reconhecida;
- j) capacidade de empregar elementos irregulares junto à população local;
- k) possibilidade de emboscadas, ações de bloqueio ou incursões por elementos móveis da F Ini; e
- l) capacidade da F Ini para realizar reconhecimento, vigilância e interdição de itinerários.

6.6 OPERAÇÕES COM CARACTERÍSTICAS ESPECIAIS

6.6.1 OPERAÇÃO AEROMÓVEL

6.6.1.1 Para assegurar vantagem tática às F Ter, as NI levantadas devem minimizar riscos para as aeronaves da Força de Helicópteros (F He) e, assim, contribuir de forma eficaz para o flanqueamento ou para o envolvimento de posições inimigas, para a conquista de objetivos profundos e, também, apoiar missões de reconhecimento, vigilância e segurança, entre outras.

6.6.1.2 Nas Operações Aeromóveis (Op Amv), as NI podem incluir:

- a) dados meteorológicos atualizados referentes ao microclima da região de deslocamento e de Op, em especial, aqueles que afetem ou comprometam o emprego de aeronaves, como: vento, temperatura, visibilidade, nebulosidade, pressão atmosférica e precipitação;

- b) dados do terreno, particularmente, características altimétricas e compartimentação do terreno que favoreça rotas de aproximação para o movimento aéreo;
- c) regiões que ofereçam proteção contra detecção radar, favorecendo voos de contorno e a navegação a baixa altura;
- d) obstáculos naturais e artificiais que possam comprometer o movimento aéreo, como redes de transmissão, sítio de antenas, cumes elevados;
- e) capacidades, limitações, disponibilidade e localização dos meios de DAAe inimigos;
- f) sistemas de radares de vigilância e de busca de alvos;
- g) sistemas de comando e controle inimigos;
- h) capacidades, limitações, organização e localização das unidades aéreas Ini;
- i) raio de ação e teto de emprego das aeronaves inimigas;
- j) capacidades e possibilidades de emprego de GE e Ciber Ini; e
- k) acidentes capitais no terreno que possam constituir objetivos para as operações aeromóveis.

6.6.2 OPERAÇÃO AEROTERRESTRE

6.6.2.1 Para assegurar vantagens operacionais e táticas, o assalto aeroterrestre deve ser precedido de um levantamento minucioso das NI que subsidiarão os planejamentos, uma vez que é uma Op que pode proporcionar muitas baixas para a tropa empregada.

6.6.2.2 Uma Operação Aeroterrestre (Op Aet) tem como objetivo estabelecer uma cabeça de ponte. Para tanto, emprega um componente aéreo, um componente terrestre e, normalmente, é sucedida de uma Operação de Junção (Op Jç). Para fins de proposição das NI, é importante considerar todos os componentes que participam do cumprimento da missão.

6.6.2.3 Para isso, as NI podem incluir:

- a) dados meteorológicos atualizados referentes ao microclima da região do desembarque aeroterrestre ou zona de lançamento, como vento, visibilidade horizontal e vertical, nebulosidade e nível de luminosidade;
- b) o efeito das condições meteorológicas sobre os sistemas de alerta radar e de DAAe do inimigo;
- c) aspectos do terreno que permitam determinar locais adequados para a seleção de zonas de lançamento (natureza do solo, vegetação, dimensões, altitude, existência de obstáculos internos e externos, locais para reorganização da tropa);
- d) acidentes capitais que possam constituir objetivos para as Op Aet;
- e) capacidades, limitações, disponibilidade e localização dos meios de DAAe inimigos;
- f) sistemas de radares de vigilância e de busca de alvos;
- g) sistemas de comando e controle Ini;
- h) capacidades, limitações, organização e localização das unidades aéreas Ini;

- i) capacidades das ameaças que possam comprometer a Op;
- j) tempo de deslocamento das reservas inimigas até a região da cabeça de ponte;
- k) posicionamento das tropas inimigas no terreno, a fim de permitir o adequado monitoramento das movimentações dessas Forças;
- l) aspectos relativos à população local que possam prejudicar o contato com as F Amg;
- m) outros aspectos relativos às áreas de influência e de interesse aéreo e terrestre;
- n) capacidades e possibilidades de emprego de GE e Ciber Ini;
- o) localização, tipo, capacidades e organização das Forças blindadas do inimigo; e
- p) localização, organização, tipo e capacidades das DAC do inimigo

6.6.2.4 Os conhecimentos sobre a execução de uma Op Aet são de extrema valia para as F Ini. Dessa forma, deve ser dada atenção especial aos aspectos de CI, a fim de assegurar o sigilo da preparação e da execução da Op Aet.

6.6.3 OPERAÇÕES ESPECIAIS

6.6.3.1 As operações especiais (Op Esp) podem ser empregadas de forma direta, contra alvos específicos, ou indireta, estruturando, provendo, instruindo, desenvolvendo e dirigindo forças locais, para que estas sejam empregadas em proveito das forças convencionais. Nesse caso, as NI relativas à população local crescem de importância, a fim de verificar aspectos que podem ser explorados para o recrutamento de integrantes da população que irão compor essas forças locais.

6.6.3.2 Com relação ao ambiente operacional e à população, são exemplos de NI:

- a) regiões e locais propícios para infiltração e homizio;
- b) áreas habitadas e contingentes populacionais;
- c) necessidades da população local, motivações, vulnerabilidades, insatisfações, costumes e lideranças;
- d) satisfação da população local com o governo do TO/A Op;
- e) composição étnica, religiosa e etária da população;
- f) capacidades das localidades (presença de órgãos públicos, Forças de segurança pública e FA, rede hospitalar, sistema logístico, meios de comunicações disponíveis) que permitam a execução das Op com o mínimo de direção, controle e apoio;
- g) organizações que possam ser empregadas no contexto das Op Esp;
- h) movimentos separatistas, insurgentes ou emancipacionistas no TO/A Op;
- i) detalhes sobre infraestruturas estratégicas, acidentes capitais e obras de arte que possam tornar-se alvos para as Op;
- j) detalhes sobre as infraestruturas críticas das quais o Ini é dependente; e
- k) análise dos riscos físicos e políticos.

6.6.3.3 As NI que versam sobre a ameaça são, entre outras, as seguintes:

- a) estrutura, organização e funcionamento da Intlg Ini;
- b) alvos de alto valor que permitam comprometer os sistemas de comando e controle, logístico, proteção, fogos, GE e de apoio aéreo do inimigo;
- c) detalhes sobre depósitos, eixos de suprimento, rotas logísticas alternativas;
- d) posições de lançadores de mísseis e foguetes, estações retransmissoras, radares de vigilância aérea e de busca de alvos;
- e) meios aéreos, suas características e localização; e
- f) posicionamento das tropas em reserva e de postos de comando dos escalões mais altos em presença no TO/A Op.

6.6.3.4 Quando as Op Esp forem por meio de ações diretas sobre alvos específicos, as respostas das NI normalmente versarão sobre:

- a) descrição detalhada do alvo;
- b) efeitos dos aspectos fisiográficos e condições meteorológicas da região do objetivo sobre os sistemas inimigos e das Forças de Operações Especiais (F Op Esp);
- c) dispositivo, composição, valor, atividades recentes e peculiaridades das forças inimigas/ameaça e de quaisquer atores que possam comprometer o cumprimento da missão;
- d) rotas de infiltração e exfiltração; e
- e) principais componentes do alvo, de modo a avaliar a melhor maneira de atingir o alvo para alcançar o EFD.

6.6.3.5 A Intlg é fundamental para a execução das Op Esp, haja vista as particularidades das ações que são desencadeadas, as quais exigem um refinado detalhamento de informações.

6.6.4 OPERAÇÃO DE ABERTURA DE BRECHA

6.6.4.1 As seguintes NI podem ser necessárias para o sucesso da operação de abertura de brecha:

- a) localização das armas de tiro indireto e direto Ini que batem as barreiras onde será aberta a brecha;
- b) identificação do efeito das condições meteorológicas sobre a utilização de agentes químicos (fumígenos);
- c) localização dos meios de GE Ini que podem atuar na área onde será aberta a brecha;
- d) identificação dos dados do DiCoVAP do Ini que defende a área onde será realizada a abertura da brecha;
- e) levantamento das características e tipos de campo de minas lançados (densidade de minas, tipos de minas, método de lançamento, existência de minas esparsas, existência de minas subaquáticas, existência de minas nas margens etc.);
- f) identificação dos obstáculos lançados e suas características (largura, altura, extensão, profundidade, tipo de material etc.);

- g) levantamento das condições do terreno e suas características (tipo de solo, resistência do solo, firmeza e altura de margens, tipo de vegetação);
- h) levantar os pontos possíveis para fazer uma dissimulação;
- i) identificar os pontos de canalização dos obstáculos inimigos; e
- j) identificar as características do plano de barreiras inimigo.

6.6.5 OPERAÇÃO DE TRANSPosição DE CURSO DE ÁGUA

6.6.5.1 As seguintes NI podem ser necessárias para o sucesso da operação de transposição de curso de água:

- a) situação das margens (agravamentos), bem como suas características para lançamento de meios de Eng, correnteza, trabalho de organização do terreno realizado pelo inimigo, existência de passagens a vau e pontes, largura e profundidade do curso de água, natureza do leito, obstáculos naturais, local adequado para o desdobramento da zona de reunião final de material de Eng;
- b) capacidade QBRN Ini;
- c) capacidade de contramobilidade da Eng Ini;
- d) condições meteorológicas na área de travessia e seus reflexos para o uso adequado de fumígenos;
- e) terreno em ambas as margens do curso de água, as áreas de reunião e dispersão, as cobertas e os abrigos nas proximidades dos locais de travessia;
- f) melhores VA para o rio e para os objetivos na margem Ini;
- g) posições e acessos para as armas de apoio, os postos de observação e as instalações de apoio logístico;
- h) emprego do terreno pelo inimigo para a defesa;
- i) objetivos e o espaço para a manobra e para a reorganização de nossas próprias tropas;
- j) locais de trafegabilidade é precária;
- k) situação sobre a profundidade, a largura e a velocidade do rio;
- l) restrições à visibilidade causadas pelos fatores meteorológicos;
- m) localização da linha que, conquistada, retira os tiros tensos Ini e o traçado da cabeça de ponte;
- n) capacidade de busca de alvos e o monitoramento de Intlg Ini;
- o) DiCoVAP do Ini que defende a margem oposta à cabeça de ponte;
- p) localização da Art Ini e o alcance dessas armas, localização das armas de tiro tenso Ini;
- q) localização dos radares de vigilância Ini;
- r) localização dos meios de GE Ini;
- s) grau de controle do ar;
- t) medidas de CI dos meios de TI, tanto de material de emprego militar e quanto de meios particulares, para evitar a localização eletrônica e a propagação de produtos de Op Psc Ini; e
- u) presença de população no local ou nas proximidades do ponto de execução da transposição de cursos de água.

6.6.5.2 Ações Da IM Durante o Planejamento dos Locais e Formas de Transposição.

6.6.5.2.1 Em relação ao terreno, é necessário realizar:

- a) análise criteriosa do terreno, principalmente das características do curso de água a ser transposto (rampas das margens, resistência do solo das margens, existência de vaus, matas ciliares, profundidade, correnteza média etc.); e
- b) análise criteriosa dos acidentes capitais que dominam o curso de água a ser transposto.

6.6.5.2.2 No que diz respeito ao inimigo, é imprescindível fazer um levantamento das possibilidades do inimigo e de sua ordem de batalha.

6.6.5.2.3 Sobre as condições meteorológicas, torna-se necessário realizar o levantamento das informações quanto aos seguintes aspectos:

- a) nevoeiro, visibilidade noturna etc.;
- b) levantamento das condições meteorológicas que podem dificultar a operação (chuvas fortes e seus impactos na resistência do solo das margens, no aumento da correnteza do curso de água etc.);
- c) análise criteriosa do terreno, apresentando as melhores áreas para a reunião inicial e final dos meios de Eng;
- d) análise criteriosa das VA que incidem sobre as áreas de reunião de meios de Eng; e
- e) realizar um levantamento das possibilidades do inimigo que podem resultar na destruição dos meios de Eng reunidos.

6.7 OPERAÇÃO DE DISSIMULAÇÃO

6.7.1 Os conhecimentos resultantes da integração de dados oriundos de todas as disciplinas de Intlg são de grande importância para o planejamento da Operação de Dissimulação (Op Dsml).

6.7.2 As NI dos Cmt de diversos níveis capazes de conduzir Op Dsml normalmente estão relacionadas aos aspectos relativos à ameaça que permitam fazer chegar as informações manipuladas aos decisores inimigos, como, por exemplo:

- a) detalhes sobre o sistema de comando e controle;
- b) recursos de obtenção de inteligência de imagens (tipos de sensores óticos e eletrônicos disponíveis, equipamentos e *softwares* utilizados para processamento de imagens, nível de adestramento dos intérpretes);
- c) recursos de obtenção de inteligência de sinais (tipos de sensores de sinais utilizados, capacidade de monitoração e localização eletrônica);
- d) adestramento e forma de atuação das tropas de reconhecimento, sejam elas especializadas ou não;
- e) prováveis NI estabelecidas pelo Cmt da ameaça;

- f) POI estabelecido pela ameaça;
- g) prováveis pontos de decisão que a ameaça deve adotar, bem como os indicadores que influenciam sua decisão; e
- h) acompanhamento dos efeitos das Op Dsmi sobre o processo decisório da ameaça, a fim de retificá-las ou ratificá-las.

6.8 OPERAÇÕES DE INFORMAÇÃO

6.8.1 A Intlg apoia as Operações de Informação (Op Info) produzindo conhecimentos baseados nas NI que possam contribuir com as ações da Comunicação Social (Com Soc), Op Psc, GE, Assuntos Cíveis e G Ciber, entre outras. As Op Info devem ser fundamentadas, em todas as fases de uma campanha militar, em informações confiáveis e oportunas sobre o terreno (físico e humano), o inimigo, as condições meteorológicas, os atores adversários potenciais e as audiências neutras, cujas percepções podem influir no resultado das Op.

6.8.2 O pessoal que planeja e conduz as Op Info deve trabalhar estreitamente com os integrantes das estruturas de Intlg para definir as NI e o repertório de conhecimentos necessários que permitam planejar, executar e avaliar a efetividade das ações.

6.8.3 As NI que buscam atender às Op Info normalmente estão voltadas para as considerações civis e sobre a ameaça enfrentada, com alguns exemplos:

- a) atitudes, costumes e comportamentos da população;
- b) cultura local, distribuição étnica e religiosa;
- c) lideranças, influenciadores e formadores de opinião que possam influir de forma significativa no comportamento de determinados públicos no ambiente operacional;
- d) motivações, necessidades e interesses dos diferentes atores em presença no ambiente operacional;
- e) meios de impressão e de difusão de notícias, mídias sociais e outros canais disponíveis e mais adequados para a difusão de informações para públicos selecionados;
- f) canais de mídia ou organizações com grande credibilidade junto à população, sua disposição geográfica, pontos fortes e vulnerabilidades;
- g) estruturas disponíveis para a difusão de informações;
- h) temas e assuntos a explorar e a evitar;
- i) meios de transmissão de informações acessíveis para os integrantes da força inimiga/ameaça;
- j) características do sistema de comando e controle e vulnerabilidades no fluxo de informações da força inimiga/ameaça que possam ser exploradas pelas Op Info;
- k) levantamento de potenciais públicos-alvo;
- l) vulnerabilidades físicas e cibernéticas;

- m) capacidades cibernéticas da ameaça para realizar Op Info; e
- n) capacidades da ameaça para realizar Op Info, recursos humanos e meios de comunicação disponíveis.

6.8.4 Durante a execução das Op Info, a Intlg pode ser empregada para verificar se os efeitos planejados estão sendo atingidos sobre o público-alvo, contribuindo para o redirecionamento das ações realizadas.

6.9 OPERAÇÃO DE JUNÇÃO

6.9.1 Considerando que as tropas blindadas e mecanizadas são as mais aptas a constituir Forças de Junção (F Jç), faz-se necessário realizar o levantamento e a identificação detalhada dos fatores ligados ao terreno, além dos demais fatores da decisão, como a mobilidade da tropa e a existência de elementos Ini interpostos entre a F Jç e a Força Estacionária (F Estac), o que aumenta a necessidade de conhecimento sobre dispositivo, valor, localização e composição desse inimigo. De posse desses dados, a tropa de junção pode evitar engajamentos decisivos, antes da chegada aos objetivos, e definir faixas do terreno onde há menor resistência.

6.9.2 As seguintes NI devem ser levantadas para a coordenação entre as F Amg envolvidas na Op:

- a) área ideal para a junção;
- b) levantamento de possíveis pontos de junção (facilmente identificáveis pelas tropas, a fim de se evitar o fratricídio);
- c) condições das VA no local da junção;
- d) eixos e VA a serem barrados;
- e) características defensivas do terreno a ser defendido pela F Estac;
- f) alvos compensadores para Artilharia de Campanha de Mísseis e Foguetes (Art Cmp MF) e para a F Ae;
- g) grau de controle do ar no momento da junção;
- h) limites da posição da Força Amiga Estacionária (F Amg Estac) na A Op;
- i) nossas vulnerabilidades e deficiências;
- j) obstáculos existentes no itinerário da junção;
- k) capacidade das pontes no itinerário;
- l) condições meteorológicas que possam interferir na Op;
- m) atualização na trafegabilidade dos eixos penetrantes;
- n) presença de inimigo no local de junção;
- o) capacidade de o inimigo cerrar meios para o local da junção;
- p) posição da reserva do Ini (natureza e valor);
- q) prováveis rotas de aproximação do Ini para a área da operação de junção;
- r) tropas inimigas a serem fixadas para que a junção não seja inviabilizada;
- s) dispositivo, composição, valor e atividades recentes e atuais e peculiaridades do Ini, L Aç mais provável e L Aç mais perigosa do Ini que ocupa os objetivos a serem conquistados;
- t) atuação de F Irreg na A Op e sua capacidade;

- u) tropa Ini interposta;
- v) capacidade da Art e F Ae Ini;
- w) atividades recentes do Ini na região de junção (objetivo) e a cavaleiro dos eixos de progressão das F Jç, bem como nas possíveis rotas alternativas;
- x) capacidade de ações de medidas de ataque eletrônico (MAE) e medidas de apoio à GE do Ini que possam comprometer os planos de comunicação e outras atividades da GE inimiga que possam impedir ou dificultar a rede rádio da junção;
- y) meios de observação aéreos; e
- z) considerações sobre a população civil local em relação ao cumprimento da missão (núcleos populacionais, grupos étnicos, vilarejos e povoados, lideranças locais, tensões sociais).

CAPÍTULO VII

INTELIGÊNCIA NAS AÇÕES COMUNS ÀS OPERAÇÕES TERRESTRES

7.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

7.1.1 No contexto das operações terrestres, observa-se um conjunto de ações comuns que podem ser conduzidas por tropas de qualquer natureza, desde que possuam as capacidades necessárias à sua execução. Essas ações estão relacionadas às capacidades operacionais, às atividades e às tarefas atribuídas aos diversos elementos da Força Terrestre, variando em intensidade conforme o tipo de operação militar planejada e conduzida.

7.1.2 No âmbito da IM, tais ações são compreendidas como parte integrante do apoio à decisão e à condução das operações, sendo orientadas pelo Ciclo da IM. Dessa forma, a IM adapta-se ao contexto operacional, inserindo-se de maneira transversal às ações táticas e operacionais, de acordo com as exigências e os objetivos definidos pelo comando.

7.1.3 Considerando o grau de coordenação que requerem e a sua abrangência, serão abordadas as ações a seguir:

- a) controle de danos
- b) IRVA;
- c) proteção de civis; e
- d) busca e resgate.

7.2 CONTROLE DE DANOS

7.2.1 O Controle de Danos consiste no conjunto coordenado de medidas preventivas, de resposta imediata e de ações corretivas que visam mitigar os efeitos de ações do oponente, acidentes, desastres naturais ou catástrofes na área de responsabilidade das Forças Amigas (F Amg). Essas medidas têm como objetivos a continuidade das funções de combate, a preservação da vida, a proteção de infraestruturas críticas e a recuperação da capacidade operacional no menor tempo possível.

7.2.2 A atuação da F Cmb Intlg no controle de danos contribui tanto para o planejamento antecipado de respostas quanto para a identificação de causas, consequências e possíveis reincidências, com base na análise de riscos, na observação do comportamento da ameaça e no monitoramento do ambiente operacional. A IM deve atuar de forma integrada com os demais sistemas operacionais, visando à produção de conhecimentos que orientem a tomada de decisão, especialmente em cenários de elevada incerteza e pressão temporal.

7.2.3 A identificação e o monitoramento das NI voltadas ao Controle de danos devem ser dinâmicos e contínuos, adaptando-se às fases da operação. Dentre as principais NI para essa atividade, destacam-se:

- a) identificação de ameaças com capacidade de produzir danos estruturais ou humanos às F Amg, incluindo ataques diretos, ações de sabotagem, incêndios, uso de agentes QBRN e Op Ciber;
- b) análise de infraestrutura crítica das F Amg e sua vulnerabilidade a diferentes vetores de ataque (explosivos, cibernéticos, naturais ou tecnológicos);
- c) identificação de áreas de risco geológico, hidrometeorológico ou ambiental na zona de operações;
- d) levantamento de padrões de atuação da F Inimiga (F Ini) em ações de negação, destruição de capacidade ou desorganização de sistemas logísticos, de comando e controle;
- e) monitoramento de indicadores de comportamento hostil da população local ou de grupos irregulares que possam ampliar o impacto de eventos adversos;
- f) localização e classificação de ativos sensíveis ou estratégicos da F Amg que requeiram proteção específica;
- g) análise de indicadores precoces de instabilidade ou disfunção em sistemas críticos (comunicações, energia, transporte, abastecimento);
- h) identificação de condições meteorológicas ou ambientais que possam agravar os efeitos de eventos acidentais ou intencionais;
- i) monitoramento de ações de desinformação, guerra psicológica ou exploração de danos por parte da F Ini para fins de propaganda ou desgaste moral; e
- j) estimativa de tempo e recursos necessários para a recuperação de instalações, equipamentos e serviços essenciais.

7.2.4 A atuação da IM deve ser ajustada às três fases do Controle de danos, conforme descritas a seguir:

7.2.4.1 Medidas Preventivas, que correspondem à fase de preparação, em que se deve empregar a inteligência para:

- a) identificar vulnerabilidades estruturais e operacionais da Força;
- b) mapear ativos críticos e áreas de risco;
- c) estudar TTP da F Ini voltadas à disrupção e à sabotagem;
- d) produzir estudos de risco e planos de contingência baseados em cenários;
- e) apoiar a seleção de locais para instalação de meios sensíveis com menor grau de exposição; e
- f) atualizar bancos de dados de ameaças tecnológicas e ambientais.

7.2.4.2 Respostas Imediatas, que são realizadas durante ou logo após a ocorrência de danos, a IM deve:

- a) fornecer atualização situacional contínua aos escalões de comando;
- b) identificar a origem e a natureza do evento (natural, acidental ou hostil);
- c) avaliar se o dano foi produto de ação da F Ini e, nesse caso, identificar autores e métodos;
- d) monitorar movimentações hostis que possam explorar a vulnerabilidade temporária das F Amg;

- e) apoiar a delimitação de áreas de exclusão e de isolamento; e
- f) apoiar a preservação do C² e a proteção das comunicações estratégicas.

7.2.4.3 Ações Corretivas, que na fase de estabilização e recuperação, cabem à IM:

- a) realizar avaliação de danos e impacto sobre as capacidades operacionais;
- b) monitorar riscos de novos eventos ou reincidência de ações hostis;
- c) avaliar impactos de longo prazo sobre a segurança da força e sua liberdade de ação;
- d) fornecer subsídios para redefinição de áreas prioritárias de proteção;
- e) atualizar os indicadores de vulnerabilidade da Força; e
- f) apoiar ações de CI para prevenir exploração de fragilidades internas.

7.2.5 O êxito do controle de danos exige sinergia entre os sistemas operacionais, ações coordenadas de todos os escalões e atualização constante dos dados disponíveis. A IM, nesse contexto, atua como função transversal, fornecendo os elementos necessários para antecipar ameaças, responder com precisão a eventos adversos e restaurar a capacidade operacional da Força com agilidade e segurança.

7.3 INTELIGÊNCIA, RECONHECIMENTO, VIGILÂNCIA E AQUISIÇÃO DE ALVOS

7.3.1 O conceito IRVA consiste na integração das atividades e tarefas visando à obtenção de informações precisas e relevantes, executadas por diferentes sensores, para apoiar o processo de tomada de decisão do Cmt.

7.3.2 O IRVA tem como principal objetivo a sincronização da obtenção de dados/informações para atender às Necessidades de Inteligência (NI), com a finalidade de proporcionar consciência situacional aos Cmt em todos os níveis (consciência situacional) e, conseqüentemente, apoiar os seus processos decisórios.

7.3.3 EMPREGO

7.3.3.1 Durante todo o PPCOT, o Cmt e o seu EM sincronizam o emprego das forças de acordo com a intenção do Cmt e, ainda, com os conceitos das Op, por intermédio dos processos de integração e das atividades continuadas.

7.3.3.2 O PITCIC consiste em um processo cíclico de análise de ameaças e do ambiente operacional, conduzido pelo Of Intlg, que busca disponibilizar os conhecimentos necessários para o PPCOT (Ciclo das Operações), aspecto que orienta os esforços dos meios de obtenção de dados.

7.3.3.3 A obtenção é a fase do Ciclo da IM que consiste na exploração de todas as fontes de dados e informações e na entrega do material obtido aos órgãos de análise, encarregados de sua transformação em conhecimentos de Intlg mais complexos. Nesse sentido, o conceito IRVA tem relação direta com o ambiente de obtenção.

7.3.3.4 A execução das ações inerentes ao conceito de IRVA demanda o emprego dos sensores das capacidades operacionais disponíveis, visando à obtenção de dados necessários, em ações integradas e sincronizadas com o PITCIC (Ciclo da IM) e com o PPCOT (Ciclo das Operações).

7.3.3.5 Os dados obtidos são insumos para processamento, análise, produção e difusão de conhecimentos por parte da Cent Intlg. Simultaneamente, estes são difundidos aos Cmt e seus EM para o planejamento e/ou condução das Op.

7.3.3.6 A execução das atividades e tarefas relativas ao IRVA torna-se essencial para o Cmt obter dados/informações, a fim de manter a iniciativa no campo de batalha e alcançar o EFD, ao mesmo tempo em que contribui para opor-se à surpresa da ameaça.

7.3.3.7 A integração entre o Ciclo de IM, as ações IRVA e o Ciclo das Operações contribui para a celeridade nos processos de obtenção, para o processamento e difusão dos conhecimentos e para a busca e aquisição de alvos mais efetiva.

7.3.4 ATIVIDADES ENVOLVIDAS

7.3.4.1 As Ações de Inteligência

7.3.4.1.1 No contexto das ações de IRVA, a Intlg trata da gestão das NI e do acionamento e exploração das diversas fontes, visando à obtenção dos dados que serão a base para a produção dos conhecimentos requeridos pelos decisores.

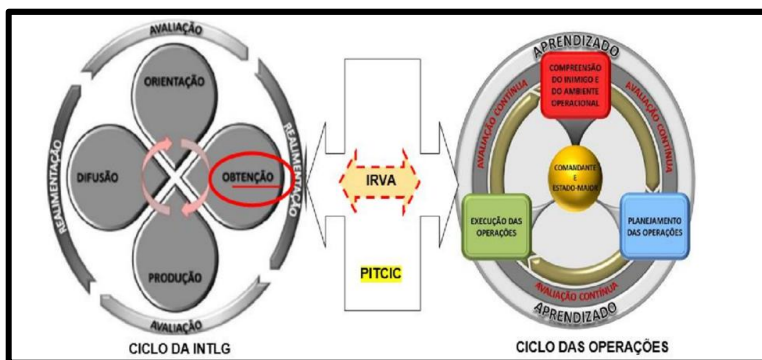


Fig 7-1 – Integração entre Ciclo de Op, ações IRVA e o Ciclo da IM

7.3.4.2 As Ações de Reconhecimento

7.3.4.2.1 O reconhecimento é a ação conduzida com o propósito de obter informações sobre as atividades, instalações ou meios de da força inimiga/ameaça, atuais ou potenciais, e para confirmar dados relativos ao ambiente operacional. É uma atividade limitada no tempo e no espaço para atender às NI.

7.3.4.3 As Ações de Vigilância

7.3.4.3.1 A vigilância é a observação sistemática do ambiente operacional, tendo por objetivo áreas, pessoas, instalações, materiais e equipamento, utilizando o auxílio de meios eletrônicos, cibernéticos, fotográficos, óticos ou acústicos, entre outros. É exemplo de missão de vigilância o monitoramento de eixos de progressão e/ou corredores de mobilidade, de possíveis posições das ameaças e de Regiões de Interesse para a Inteligência (RIPI).

7.3.4.4 A Aquisição de Alvos

7.3.4.4.1 A aquisição de alvos consiste nas tarefas de detecção, localização e identificação de um objetivo, empregando os meios de sensoriamento de cada escalão de combate, para possibilitar o seu engajamento por qualquer capacidade operacional. A detecção determina a existência ou presença de um alvo. A identificação determina sua natureza, composição e dimensões. A localização consiste na determinação das coordenadas tridimensionais referidas a pontos conhecidos ou a posição das peças, dentro de uma trama topográfica comum. A localização requer maior precisão quando se trata da aquisição de alvos do que para os demais empregos gerais dos conhecimentos.

7.3.4.4.2 A busca de alvos, por sua vez, é uma atividade da Função de Combate Fogos que consiste em proporcionar a informação necessária sobre alvos, principalmente armas inimigas de tiro indireto, para que possam ser engajadas no local e momento oportunos pelos diversos sistemas de armas, além de realizar a avaliação dos efeitos sobre o alvo engajado.

7.3.4.4.3 A aquisição de alvos é alinhada com a metodologia de Processamento de Alvos – *Targeting* (Decidir, Detectar, Engajar e Avaliar – D²EA), que consiste em uma forma sistemática de como os alvos serão levantados, qual a melhor forma de engajá-los e como será realizada a avaliação de danos. Nesse contexto, o Of Intlg é o responsável por levantar os pontos sensíveis e os sistemas de alvos de interesse para o respectivo escalão, apoiando e participando do processo de seleção e priorização de alvos.

7.3.5 PLANEJAMENTO E COORDENAÇÃO DAS AÇÕES

7.3.5.1 Em todos os escalões, a Célula de Inteligência (Cel Intlg) planeja e coordena o esforço para prover aos Cmt os conhecimentos que os ajudem a compreender o inimigo, o terreno, as condições meteorológicas e as considerações civis, além de fornecer subsídios sobre a situação do ambiente informacional.

7.3.5.2 Os oficiais de inteligência coordenam as tarefas relacionadas ao PITCIC com o EM, no que tange à execução das atividades e tarefas relacionadas ao conceito IRVA.

7.3.5.3 As unidades de todas as naturezas que, por sua localização ou missão, possam obter dados e informações que atendam às NI devem ser acionadas em consonância com o POI, participando, assim, da fase de obtenção do Ciclo da IM, caracterizando o emprego do conceito IRVA.

7.3.5.4 No contexto das Op militares, as ações IRVA ocorrem, geralmente, de acordo com a sequência abaixo:

- a) planejar as ações;
- b) sincronizar e integrar as ações;
- c) conduzir reconhecimento;
- d) conduzir vigilância;
- e) conduzir aquisição/busca de alvos;
- f) conduzir atividades e tarefas relacionadas à Intlg;
- g) processar os dados adquiridos; e
- h) difundir os conhecimentos.

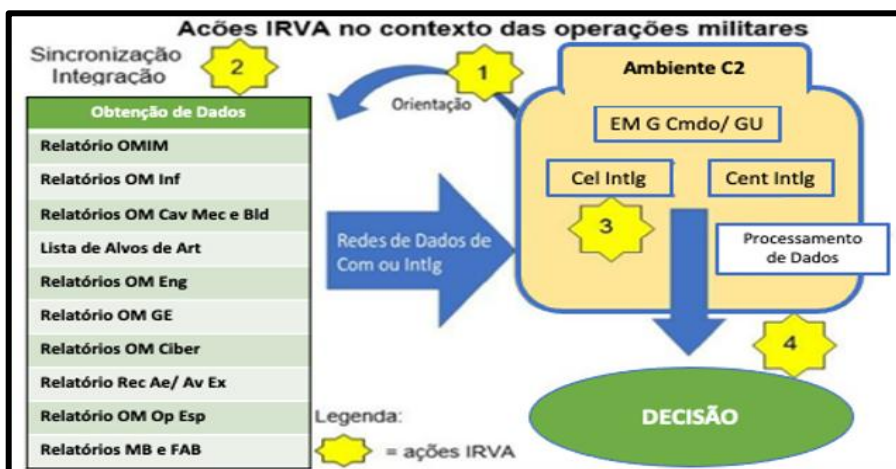


Fig 7-2 – Fluxo das ações IRVA no contexto das Operações Militares

7.3.5.5 Em uma situação de conflito armado de alta intensidade, inicialmente, os meios que realizam as ações de reconhecimento, vigilância e aquisição de alvos são acionados pela Cel Intlg, por intermédio do POI. Ao obter os dados, as frações se reportam às Cel Intlg dos escalões enquadrantes, emitindo o conhecimento de Intlg por dupla ou tripla difusão. A Cel Intlg repassará os dados para a Cent Intlg que está em apoio, atentando para que não haja represamento deles, a fim de não prejudicar o princípio da oportunidade.

7.3.5.6 Eventualmente, a depender da envergadura e do tipo da Op, os dados também podem ser repassados dos meios de obtenção diretamente para a Cent Intlg, de forma simultânea com a difusão para a Cel Intlg.

7.3.5.7 Os conhecimentos são analisados pela Cent Intlg e difundidos por meio de *briefings*, relatórios, informes ou outros documentos de Intlg. Para tanto, os princípios da oportunidade e da segurança são priorizados. Durante esse fluxo, em qualquer fase do processo, é provável que surjam novas NI. Essas necessidades devem ser apreciadas pelo EM, integradas com as NI já existentes, priorizadas e aprovadas pelo Cmt. Após a aprovação, os meios de busca serão acionados pela Cel Intlg, que deverá atentar para a necessidade de dupla ou tripla difusão, respeitando a relação escalão enquadrante – meio de obtenção.

7.3.5.8 No contexto do Ciclo da IM, a Central de Inteligência integra o ambiente de análise e está vinculada à fase de produção. Esse ambiente está diretamente associado ao ambiente de comando e controle, que, por sua vez, tem vínculo com a fase de orientação. Essa relação ocorre em virtude de a análise ser ferramenta fundamental para o Estado-Maior assessorar o Cmt na tomada de decisão. Dessa forma, em que pese a análise e o C² serem ambientes diferentes, a Cent Intlg é uma estrutura que reforça e assessora a Cel Intlg.

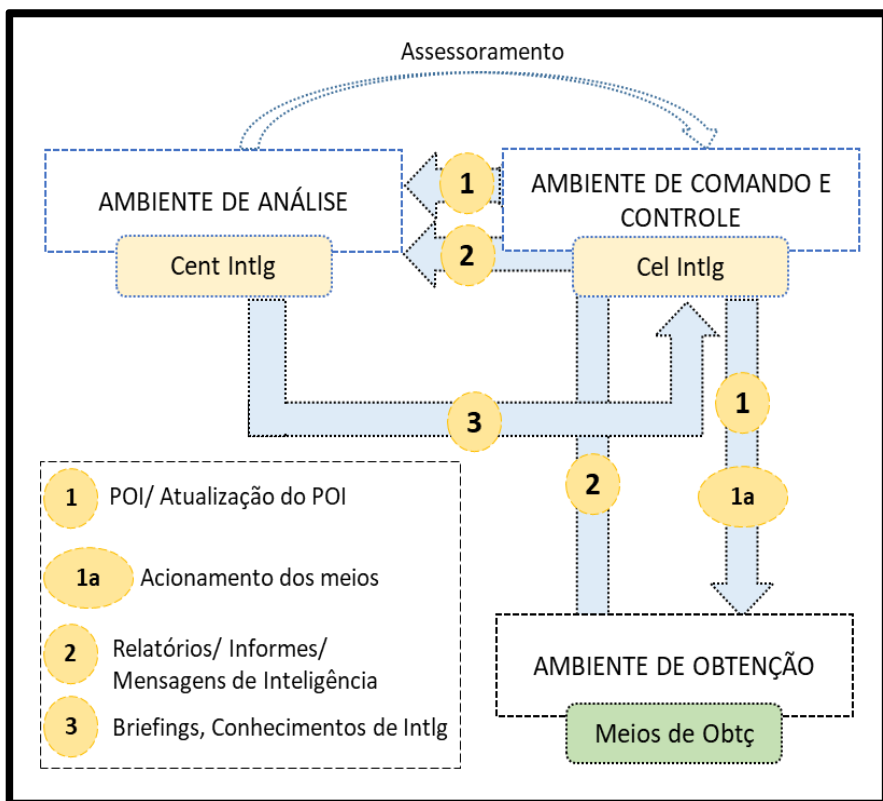


Fig 7-3 – Fluxo de Informações entre as estruturas empregadas nas ações IRVA

7.4 PROTEÇÃO DE CIVIS

7.4.1 A proteção de civis é uma ação comum presente em todas as operações militares. Nesse sentido, a IM, no desenvolvimento das atividades referentes à análise do ambiente operacional, estará, ainda que indiretamente, colaborando para a proteção de civis.

7.4.2 A análise das considerações civis será fundamental para isso, permitindo uma melhor compreensão sobre as áreas ocupadas pela população; as estruturas sensíveis existentes; as capacidades locais quanto ao fornecimento de serviços básicos; as organizações estatais ou não que podem contribuir para a proteção dos civis; os aspectos culturais e hábitos locais; e os eventos importantes que podem gerar potenciais riscos aos civis.

7.4.3 A ligação da Célula de Inteligência com a Célula de Assuntos Civis do EM será fundamental para o levantamento das NI referentes à proteção de civis.

7.5 BUSCA E RESGATE

7.5.1 O êxito de uma Operação de Busca e Resgate (SAR, termo internacional) depende da rápida obtenção de todas as informações disponíveis relacionadas à situação, pois a probabilidade de se encontrar sobreviventes reduz-se com o passar do tempo. Por isso, deve-se buscar a máxima integração entre os planejamentos das ações e das demais tarefas inseridas. Os planos e as ordens devem ser claros quanto aos procedimentos a serem adotados no caso de aeronaves abatidas, em caso de pane ou acidentes.

7.5.2 Dentre as NI necessárias para as operações de busca e resgate, destacam-se as seguintes:

- a) capacidade e localização dos meios aéreos do inimigo;
- b) capacidade e localização do sistema de DAAe do inimigo;
- c) posicionamento da população local em relação às F Amg;
- d) detalhes sobre as F Adv em presença na região das ações;
- e) posicionamento, mobilização e movimentação das F Adv em relação aos elementos a serem resgatados;
- f) última localização confirmada em que a aeronave foi detectada;
- g) equipamentos transmissores embarcados na aeronave que possam facilitar sua localização;
- h) conformação do terreno e da vegetação na região onde houve o incidente;
- i) condições meteorológicas que podem auxiliar no estabelecimento de regiões para a busca;
- j) condições de visibilidade, luminosidade, precipitações e ventos que possam afetar a Op SAR;
- k) recursos locais que podem ser acionados para cooperar com as Op SAR; e
- l) repercussões sobre o incidente que possam ser exploradas por Op Info Ini.

CAPÍTULO VIII

A INTELIGÊNCIA NAS OPERAÇÕES EM AMBIENTES COM CARACTERÍSTICAS ESPECIAIS

8.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

8.1.1 O emprego da Intlg em operações pode ocorrer em ambientes operacionais com características tão peculiares que exijam da tropa TTP específicos para o cumprimento de sua missão.

8.1.2 Os ambientes com características especiais recebem esse nome por conta de suas especificidades, principalmente, quanto aos aspectos fisiográficos (dimensão física do ambiente operacional). Eles requerem adaptação e aclimação da tropa, bem como a utilização de material e equipamento especiais, com reflexos diretos na Intlg.

8.1.3 Para fins de planejamento e emprego da Intlg em operações, os ambientes com características especiais estão divididos nos seguintes tipos:

- a) selva;
- b) pantanal;
- c) caatinga;
- d) montanha; e
- e) urbano.

8.2 AMBIENTE DE SELVA

8.2.1 A Intlg no ambiente operacional de selva sofre impactos diretos em suas atividades e tarefas, considerando as características apresentadas pelo bioma amazônico, tais como: largas áreas de floresta densa; elevados índices de temperatura e umidade; vasta rede hidrográfica sujeita à sazonalidade do regime pluvial; rede rodoviária rarefeita ou mesmo inexistente; presença de moléstias tropicais; e baixa densidade populacional.

8.2.2 A densa cobertura florestal dificulta a capacidade de coordenação e controle dos elementos de Intlg e o tráfego do conhecimento produzido, aumentando a necessidade de emprego de equipamentos satelitais para o envio das informações.

8.2.3 As características da vegetação de selva dificultam a Inteligência de Imagens (IMINT), por assinatura de alvos (*Measurement and Signature Intelligence* – MASINT) e de sinais (*Signal Intelligence* – SIGINT). Diante das características do terreno nas operações em selva primária, a Intlg de Fontes

Humanas (*Human Intelligence* – HUMINT) passa a receber prioridade de emprego sobre as outras disciplinas clássicas de inteligência.

8.3 AMBIENTE DE PANTANAL

8.3.1 O Pantanal é um ambiente operacional caracterizado por uma escassa rede viária, vasta cobertura vegetal de distintas características, diversidade de flora e fauna, e extensa rede hidrográfica, com uma sazonalidade pluviométrica bem definida.

8.3.2 O clima da região do Pantanal é marcado por elevados índices de temperatura na maior parte do ano, e seu relevo apresenta uma discreta ondulação, possuindo raras elevações isoladas e diversas depressões rasas. Sua composição fisiográfica caracteriza-se por ser uma planície que permanece inundada boa parte do ano.

8.3.3 Considerando as peculiaridades do ambiente de pantanal, identifica-se uma similaridade com ambiente de selva e, conseqüentemente, com o emprego da Intlg em operações, já abordado neste capítulo.

8.4 AMBIENTE DE CAATINGA

8.4.1 A caatinga é um dos biomas característicos da região Nordeste do Brasil, apresentando significativa heterogeneidade. Possui uma vegetação peculiar, composta, predominantemente, de árvores e arbustos espinhosos, distribuída em densidade variável, o que prejudica as Op Intlg.

8.4.2 A grande amplitude térmica diária na caatinga, a baixa pluviosidade e a pouca umidade dificultam a atuação continuada da Intlg sem uma logística eficaz.

8.4.3 O relevo relativamente plano e a relativa malha de estradas, mesmo que pedregosas em algumas partes, representam uma facilidade para a mobilidade dos meios e do pessoal de Intlg. A baixa densidade demográfica no ambiente de caatinga é outro fator que contribui para o emprego da Intlg, particularmente no que se refere ao sigilo.

8.4.4 O ambiente da caatinga é extremamente desgastante para deslocamentos a pé. Saber se proteger do calor intenso e encontrar água serão tarefas de grande importância para o prosseguimento das Op Intlg.

8.4.5 As considerações civis, no ambiente de caatinga, também merecem especial atenção, tendo em vista as características culturais do sertanejo nordestino. Os principais traços de personalidade do sertanejo são simplicidade,

respeito às autoridades, sentimento de honra, rusticidade, religiosidade, generosidade, coragem e hospitalidade.

8.5 AMBIENTE DE MONTANHA

8.5.1 O ambiente de montanha caracteriza-se por elevações superiores a 300 metros em relação às terras adjacentes, representando um obstáculo de vulto às ações militares. Podem ser necessárias técnicas de montanhismo.

8.5.2 Para as operações de Intlg, as elevações representam acentuada restrição ao movimento e dificuldade no C² dos sensores empregados.

8.5.3 O clima, que apresenta baixas temperaturas, nevoeiros e alta umidade, no ambiente de montanha, exige um sistema logístico eficiente para a continuidade da operação dos meios e do pessoal de Intlg.

8.5.4 A compartimentação do terreno, encostas íngremes, ravinas profundas, paredões rochosos, precipícios, desfiladeiros, apesar de favorecerem o sigilo das Op Intlg, obrigam à canalização de movimentos para as estradas e trilhas existentes na A Op.

8.5.5 As ações de Intlg devem ser desencadeadas de forma descentralizada, com deslocamentos mais lentos, valendo-se de técnicas especiais de escalada, no ambiente de montanha.

8.5.6 A correta identificação, compreensão, respeito e inserção pontual aos distintos costumes, crenças, línguas e dialetos das regiões influenciadas pelas operações militares é fator decisivo para a obtenção de informações e para o sucesso do esforço de batalha.

8.5.7 As medidas de CI são importantes no ambiente de montanha, pois é um terreno propício para a atuação de F Irreg, como as sabotagens de infraestruturas críticas, de instalações logísticas e de C², bem como emboscadas sobre comboios logísticos.

8.6 AMBIENTE URBANO

8.6.1 O minucioso conhecimento das características das forças inimigas/ameaças e da A Op, com particular atenção para a população que nela reside, proporciona condições para a neutralização ou para a supressão da capacidade de atuação das forças inimigas/ameaças, com o mínimo de danos à população e de desgaste para a tropa empregada.

8.6.2 A atividade de Intlg deve anteceder o início da Op, sendo desenvolvida com ênfase na fase preventiva, com acompanhamento das ações das forças inimiga/ameaças.

8.6.3 As NI podem ser detalhadas, permitindo determinar a melhor forma de conduzir as operações e influenciar a população para aumentar a estabilidade local.

8.6.4 As principais NI, durante uma operação urbana, são:

- a) aspectos físicos da localidade e seus pontos sensíveis;
- b) acidentes capitais no interior da localidade e os que a isolam;
- c) alvos compensadores dentro da localidade;
- d) condições das estradas (principalmente para a Estrada Principal de Suprimento – EPS) e VA até a localidade;
- e) obstáculos existentes no itinerário até a localidade e em seu interior;
- f) capacidade das pontes no itinerário e em seu interior;
- g) condições climáticas;
- h) eixos e VA a serem barrados;
- i) levantamento de instalações na localidade e em regiões próximas que possam ser aproveitadas pelo apoio logístico, como postos de combustível, hospitais, postos de saúde, armazéns, frigoríficos, escolas, depósitos, fábricas, oficinas, estações de tratamento de água e ginásios;
- j) identificação dos itinerários possíveis para a evacuação dos refugiados e deslocados, PG e desertores;
- k) identificação de estradas principais de suprimento para a execução do fluxo logístico);
- l) áreas favoráveis para zonas de reunião (fora e no interior da área edificada);
- m) situação e condições de funcionamento da energia elétrica, água potável e pontos sensíveis (hospitais, estações de tratamento de água e esgoto, estações de rebaixamento de energia, instalações prisionais etc.);
- n) dados diversos sobre a população local (efetivo, localização, considerações civis);
- o) lideranças locais, imprensa, apoio da população, cultura;
- p) identificação dos civis combatentes e suas lideranças;
- q) presença de inimigo na localidade e sua capacidade de cerrar meios para a localidade;
- r) F Ini a serem fixadas para que a conquista da localidade não seja inviabilizada;
- s) localização dos focos de resistência Ini;
- t) capacidade própria de DAC e DAAe;
- u) ações de Op Info sobre a população e sobre nossas tropas;
- v) condições sanitárias da área (incidência de doenças, inclusive zoonoses); e
- w) organizações governamentais e não governamentais, além de agências presentes na área.

CAPÍTULO IX

O EXAME DE SITUAÇÃO DE INTELIGÊNCIA

9.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

9.1.1 O planejamento e o emprego da Intlg nas operações estão relacionados com as fases do Ciclo da IM, bem como a execução do PITCIC, prevista no MC 10.336 *Processo de Integração Terreno, Condições Meteorológicas, Inimigo e Considerações Civas*.

9.1.2 A Cel Intlg realiza o Exm Sit Intlg e o Exm Sit CI, a fim de apoiar o processo decisório. Nesse sentido, após o planejamento, os aspectos relacionados ao terreno, às condições meteorológicas, ao inimigo e às considerações civis são constantemente atualizados durante a condução da operação.

9.1.3 O Exm Sit Intlg contribui para Exm Sit Cmt Tat, sendo fundamental para o planejamento e a condução de qualquer operação.

9.2 EXAME DE SITUAÇÃO DE INTELIGÊNCIA

9.2.1 O Exm Sit Intlg é a ferramenta utilizada para sistematizar o planejamento, formulando análises de Intlg ligadas à situação existente, expressando as possíveis L Aç das ameaças atuais e potenciais, bem como suas vulnerabilidades.

9.2.2 Os aspectos a serem abordados no Exm Sit Intlg estão descritos no Anexo A desta publicação.

9.2.3 O quadro a seguir descreve uma sugestão dos aspectos a serem abordados pelo Of Intlg durante os *briefings* previstos no Processo de Planejamento e Condução das Operações Terrestres, sintetizando a relação entre as fases do Exm Sit Cmt Tat, com o PITCIC e o Exm Sit Intlg. Cabe destacar que, para o componente conceitual, a Cel Intlg deve atentar para a abordagem de outros assuntos e dados julgados pertinentes para a Op.

Exm Sit Cmt Tat	Fase do PITCIC	Briefing	Aspectos a abordar
1ª Fase Análise da Missão e Considerações Preliminares	1ª Fase Definição do Ambiente Operacional	1º	INTELIGÊNCIA - Fatores operacionais (Político, Militar, Econômico, Social, Informacional, Infraestrutura, Ambiente Físico, Tempo – PMESIIAT) conforme o escalão; - aspectos sumários e características relevantes; - aspectos sumários das condições meteorológicas; - inimigo presente na A Op/Z Aç (maior escalão); - importância e impactos das considerações civis para a Op, de forma ampla; e - A Op, área de interesse e área de influência. - Alvos de Alto Valor (AAV)
		1º	CONTRAINTELIGÊNCIA - Principais ativos a serem protegidos, enfatizando os meios críticos; - identificar, no caso de operações de defesa interna e manutenção da paz, as Forças Adversas, os grupos hostis, organizações terroristas, organizações criminosas e outras organizações atuantes na área de operações; - principais vulnerabilidades existentes na segurança orgânica de nossas Forças, conforme os grupos de medidas; e - possibilidade de dissimulação tática das nossas Forças.

Exm Sit Cmt Tat	Fase do PITCIC	Briefing	Aspectos a abordar
2ª Fase A Situação e sua Compreensão	2ª Fase Definição dos efeitos ambientais sobre as operações	2º	INTELIGÊNCIA - Efeitos do terreno, das condições meteorológicas, das considerações civis e das considerações civis nas Op; - calco de restrição ao movimento; calco das VA e quadro comparativo das VA; - matriz das condições meteorológicas; - calco de acidentes capitais; e - calco de regiões de bloqueio e Penetração Máxima Admitida (PMA).
			CONTRAINTELIGÊNCIA - Forças amigas presentes na A Op com ênfase em nossas vulnerabilidades ante a capacidade inimiga de busca de conhecimento e/ou realizar ações de sabotagem, terrorismo, espionagem, desinformação, operações psicológicas e propaganda adversa; - aspectos do terreno que podem ser explorados pelas ameaças, tais como: disponibilidade de cobertas e abrigos; VA; condições gerais para o deslocamento de Tropa (Tr) a pé e embarcadas; presença de obstáculos significativos que possam dificultar o deslocamento; e condições de aproveitamento dos recursos locais por parte das ameaças.

Exm Sit Cmt Tat	Fase do PITCIC	Briefing	Aspectos a abordar
2ª Fase A situação e sua compreensão	3ª Fase Avaliação da ameaça	2º/3º	INTELIGÊNCIA - Gráfico de modelo da ameaça e calcos doutrinários; - descrição das TTP da ameaça; - matriz de valor relativo dos AAV; - fatores de superioridade e desequilíbrio; - capacidades do Ini, incluindo ações diversionárias/ capacidade de dissimulação Ini; e - DiCoVAP do Ini.
			CONTRAINTELIGÊNCIA - Dados gerais disponíveis sobre o inimigo, particularmente, os relativos à sua doutrina de emprego, informações recebidas do Esc Sp, ordem de operações, valor, dispositivo e composição.
3ª Fase Possibilidades do inimigo, linhas de ação e confronto	3ª Fase Avaliação da ameaça	2º/3º	INTELIGÊNCIA - Calco de situação do inimigo atualizado; - centro de gravidade do inimigo, de acordo com o escalão/nível; - atualização dos Alvos de Alto Valor; - capacidades da ameaça e descrição das TTP inimigas; e - conclusão sobre o poder de Cmb do Ini.

Exm Sit Cmt Tat	Fase do PITCIC	Briefing	Aspectos a abordar
3ª Fase Possibilidades do inimigo, linhas de ação e confronto	3ª Fase Avaliação da ameaça	2ª/3ª	CONTRAINTELIGÊNCIA - Tropas de Intlg inimigas; - dados e/ou conhecimentos relativos à organização, instrução, desdobramento, material, composição, efetivos, características, técnicas, possibilidades e vulnerabilidades dos meios executantes daquelas atividades e ações; e - fontes de Intlg (humanas, imagens, sinais e cibernética) e CI inimiga, bem como de suas Unidades com capacidade de realizar sabotagem, terrorismo, espionagem, operações psicológicas, propaganda e desinformação, a fim de determinar a probabilidade relativa e a potencialidade dessas possibilidades e os consequentes efeitos sobre nossas L Aç.
3ª Fase Possibilidades do inimigo, linhas de ação e confronto	4ª Fase Determinação das possíveis linhas de ação da ameaça	3ª	INTELIGÊNCIA - Calco e Matriz de Evento; - prováveis Obj ou regiões de bloqueio; - POI; - linhas de ação do inimigo; e - gerenciamento do risco.
			CONTRAINTELIGÊNCIA - Capacidade do inimigo de interferir nos sistemas de C², Ap Log, instalações críticas, manobra, ambiente cibernético e outros que devam ser protegidos, sob pena de comprometer o cumprimento da missão.

Exm Sit Cmt Tat	Fase do PITCIC	Briefing	Aspectos a abordar
4ª Fase Comparação das Linhas de Ação	Realimentação do Ciclo do PITCIC	-	Conforme demanda do Comandante.
5ª Fase Decisão			
6ª Fase Plano/Ordem Operações			

Quadro 10-1 – Relação Exm Sit Cmt Tático – PITCIC e Briefings (PPCOT)

9.2.4 Os produtos que a Cel Intlg deve confeccionar, para cada *briefing*/fase do Exm Sit, estão discriminados no MC 10.336 *Processo de Integração Terreno, Condições Meteorológicas, Inimigo e Considerações Cíveis*.

9.3 ANEXO DE INTELIGÊNCIA

9.3.1 O Anexo de Inteligência (An Intlg) de uma O Op ou um P Op é o instrumento que difunde os aspectos conclusivos do Exm Sit Intlg.

9.3.2 Em geral, o An Intlg é preparado para cada Op em curso.

9.3.3 O An Intlg é a expressão escrita dos principais conhecimentos utilizados no referido estudo, os quais servirão de base e/ou apoio para o Exm Sit Intlg/Exm Sit CI a ser executado pelo escalão subordinado.

9.3.4 O Exm Sit CI é materializado principalmente pela confecção do Apêndice de Contrainteligência ao An Intlg e pelas propostas de EEI e ONI.

9.3.5 O An Intlg não pode ser considerado como documento difusor das NI e de seus desdobramentos. Esses, inicialmente, são consubstanciados no POI e, posteriormente, difundidos por meio de suas matrizes para as unidades subordinadas.

9.3.6 Qualquer modificação ocorrida nas áreas de influência ou de interesse que determine a mudança de atitude do comando considerado, ou uma alteração sensível na maneira de atuar da ameaça, mesmo que não determine mudança de atitude por parte das Forças Legais (F Leg), poderá aconselhar alterações no documento.

9.4 DOCUMENTOS DE APOIO AO EXAME DE SITUAÇÃO

9.4.1 ESTIMATIVA CORRENTE E SUMÁRIO DE INTELIGÊNCIA

9.4.1.1 Uma melhor compreensão sobre a Estimativa Corrente pode ser obtida com a leitura do MC 5.0 *Processo de Planejamento e Condução das Operações Terrestres*.

9.4.1.2 A Estimativa Corrente e o Sumário de Inteligência devem ser confeccionados com a finalidade de apoiar a consciência situacional, manter um histórico das atividades relacionadas à Intlg e permitir as trocas de turnos de EM com maior rapidez.

9.4.1.3 A Estimativa Corrente e o Sumário de Inteligência podem ser complementados por **briefings de situação** periódicos.

9.4.2 DIÁRIO DA 2ª SEÇÃO

9.4.2.1 O diário da 2ª Seção é um documento interno da Cel Intlg, no qual são registrados, cronologicamente, todos os dados, informações e conhecimentos recebidos ou difundidos.

9.4.2.2 O diário da 2ª Seção é confeccionado, normalmente, por períodos de 24 horas. Pode, a critério do Ch Cel Intlg, abranger um período maior.

9.4.2.3 Os registros efetuados no Diário da 2ª Seção devem refletir a expressão fiel do dado, informação ou conhecimento recebido ou do evento de interesse da Intlg. Devem conter indicação de sua origem, consignar os horários de recebimentos e indicar a providência tomada.

9.4.2.4 O modelo do Diário da 2ª Seção é apresentado no MC 5.1 *Planos e Ordens*.

9.4.3 CADERNO DE TRABALHO DA 2ª SEÇÃO

9.4.3.1 O Caderno de Trabalho da 2ª Seção é um importante meio auxiliar do Of Intlg nas tarefas da Cel Intlg, bem como na produção de conhecimentos de Intlg.

9.4.3.2 O Caderno de Trabalho de uso interno da Cel Intlg não possui modelo específico ou permanente. Qualquer que seja o modelo adotado, os dados, informações e conhecimentos, ou as frações significativas extraídas dos documentos recebidos, são armazenados em locais específicos para uso posterior ou imediato.

9.4.3.3 No Caderno de Trabalho da 2ª Seção, o dado, a informação ou o conhecimento recebido é organizado de forma a facilitar o processo de produção do conhecimento, conforme as ferramentas e os processos em uso.

9.4.3.4 Um exemplo de índice do Caderno de Trabalho da 2ª Seção:

- a) ordem de batalha;
- b) dispositivo (articulação, localização, reservas);
- c) composição (identificação, organização, efetivos);
- d) reforços;
- e) doutrina de emprego;
- f) capacidade de combate (experiência de combate, moral e outros);
- g) instrução e adestramento;
- h) comandante e oficial de Estado-Maior (identificação e personalidade);
- i) blindados;
- j) artilharia;
- k) engenharia;
- l) logística (meios, processos e instalações);
- m) comunicações, Guerra Eletrônica e Cibernética;
- n) TROPA PARAQUEDISTA;
- O) DEFESA ANTICARRO (DAC);
- p) radares;
- q) lançadores múltiplos;
- r) busca de alvos;
- s) inteligência; e
- t) Forças Especiais e Comandos.

9.4.3.5 Novas identificações:

- a) unidades (organização, valor, dados históricos e características);
- b) comandante e oficial de Estado-Maior;
- c) equipamentos; e
- d) armamento.

9.4.3.6 Atividades Importantes Recentes e Atuais:

- a) movimentação de tropas;
- b) reconhecimento e patrulhas;
- c) inteligência;
- d) comunicação social;
- e) assuntos civis;
- f) Comunicações, Guerra Eletrônica e Cibernética;
- g) logística;
- h) aérea;
- i) atividade química e bacteriológica;
- j) atividade nuclear;
- k) organização do terreno;
- l) atividades guerrilheiras; e
- m) reabastecimento.

9.4.3.7 Ambiente Operacional:

- a) terreno: aspectos gerais e militares;
- b) condições climáticas e meteorológicas; e

c) outras características (expressões política, psicossocial, econômica, científico-tecnológica).

9.4.3.8 Contrainteligência:

- a) espionagem;
- b) sabotagem;
- c) terrorismo;
- d) ações psicológicas;
- e) contrainteligência interna;
- f) propaganda; e
- g) desinformação.

9.4.3.9 Outros assuntos:

- a) moral;
- b) repletamento;
- c) perdas;
- d) atividades políticas;
- e) atividades irregulares;
- f) segurança da área de retaguarda (SEGAR)/defesa da área de retaguarda (DEFAR)/controle de danos; e
- g) prisioneiros de guerra e desertores.

9.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

9.5.1 O Planejamento de Inteligência conclui sobre os efeitos da A Op sobre nossas L Aç gerais, as L Aç do inimigo, abordando a probabilidade relativa de adoção de cada hipótese levantada, bem como a identificação das vulnerabilidades do inimigo que podem ser aproveitadas, servindo de base para decisão do Cmt.

9.5.2 Com o término do planejamento, a Cel Intlg passa a realizar a condução/ controle da Op. Para isto, atualizará continuamente o Exm Sit Intlg, contribuindo para a consciência situacional do Cmt.

9.5.3 Para o planejamento e para a condução da Op, a Cel Intlg pode valer-se da Matriz Três Colunas, na qual são abordados fato, dedução e conclusão. O MC 5.0 *Processo de Planejamento e Condução das Operações Terrestres* contempla um modelo dessa matriz.

CAPÍTULO X

O EXAME DE SITUAÇÃO DE CONTRAINTELIGÊNCIA

10.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

10.1.1 A Contrainteligência (CI) tem por finalidade:

- a) impedir que uma força inimiga, real ou potencial, por meio de sua Intlg ou demais unidades com capacidade de realizar tarefas de IRVA, adquira conhecimentos sobre nossa ordem de batalha, situação em material, pessoal, planos, deficiências e possibilidades;
- b) impedir ou reduzir os efeitos das atividades de espionagem, sabotagem, desinformação, propaganda adversa e terrorismo, realizadas por sua Intlg e unidades de tropas especiais, contra nossas forças;
- c) contribuir para a obtenção da surpresa pelo escalão em prol do qual opera, bem como impedir ou limitar ações que contribuam para a surpresa desejada pela força inimiga, proporcionando liberdade de ação para ao Comando;
- d) impedir ou neutralizar as ações hostis que possam afetar o potencial de nossas forças; e
- e) enganar a Intlg inimiga, induzindo o centro de decisão adversário à tomada de decisão equivocada;

10.1.2 Nesse sentido, a CI deve ser capaz de adotar ações e medidas de Segurança Ativa e Segurança Orgânica, respectivamente. Para isso, seus objetivos devem ser os seguintes:

- a) Detectar, identificar, avaliar, explorar, neutralizar a Intlg Ini e tropas capazes de realizar espionagem, terrorismo, sabotagem, ações psicológicas e desinformação, no contexto da Segurança Ativa; e
- b) Prevenir e obstruir a consecução e os efeitos dessas e quaisquer outras ações hostis inimigas.

10.1.3 Normalmente, em relação às nossas forças, os dados e/ou conhecimentos que mais interessam ao inimigo são os seguintes:

- a) possibilidades, deficiências e limitações;
- b) ordem de batalha;
- c) intenções e planos de emprego;
- d) sistemas de apoio logístico e administração;
- e) doutrina;
- f) perdas de homens e material;
- g) dados biográficos e personalidade do Cmt;
- h) estrutura e funcionamento da Inteligência;
- i) medidas de segurança em execução;
- j) relacionamento com a população em geral; e
- k) normas e medidas de segurança em vigor.

10.1.4 Entre principais origens processos pelos quais o inimigo pode obter dados e/ou conhecimentos destacam-se:

- a) observação e reconhecimento;
- b) prisioneiros de guerra e refugiados;
- c) transmissões eletromagnéticas;
- d) atividades cibernéticas;
- e) imagens;
- f) documentação e material;
- g) noticiário dos órgãos de mídia;
- h) indiscrições acidentais ou não;
- i) agentes de Inteligência e colaboradores; e
- j) população em geral.

10.2 PLANEJAMENTO DE CONTRAINTELIGÊNCIA

10.2.1 O planejamento de CI baseia-se está baseado nas atividades que visam contrapor-se às possibilidades das forças inimigas de obter dados e/ou conhecimentos sensíveis e de executar ações de sabotagem, propaganda adversa, espionagem, terrorismo e desinformação.

10.2.2 Para tal, o planejamento deve ser composto por ações e medidas que contemplem os segmentos da CI e sejam capazes de negar, total ou parcialmente, que o inimigo deprecie ativos da Força, reduzindo sua capacidade de manter a iniciativa e a liberdade de ação.

10.2.3 Em função da incerteza e volatilidade comuns nos conflitos contemporâneos e nos momentos que os antecedem, a CI deve ter caráter permanente, sendo desenvolvida desde a situação de normalidade. Contudo, suas atividades mais intensas ocorrem em operações, quando se fazem necessárias tarefas específicas que complementem ou substituam as existentes.

10.2.4 O planejamento de CI deve ocorrer em consonância com a confecção dos demais planos/ordens de operações, tendo como base o Exm Sit CI e orientando a confecção do Plano de Contrainteligência ou, quando aplicável, , do apêndice de CI ao Anexo de Inteligência.

10.2.5 A Cel Intlg, durante a realização do Exm Sit CI, deve manter contato com a Célula de Proteção, visto que as medidas vocacionadas para a prevenção e obstrução das ameaças contra nossos ativos encontram-se no contexto da Função de Combate Proteção. Em conjunto, e por meio de seus respectivos planos, tais células devem estabelecer as medidas a serem adotadas para alcançar o grau de segurança necessário, em todo seu espectro de execução.

10.3 EXAME DE SITUAÇÃO DE CONTRAINTELIGÊNCIA

10.3.1 Esse exame é uma avaliação das possibilidades da Inteligência inimiga, a fim de determinar a probabilidade relativa e a potencialidade dessas possibilidades, bem como os consequentes efeitos sobre nossas linhas de ação. Para tanto, avalia a eficiência de nossas ações e medidas de CI na contenção dessas possibilidades e a necessidade de tarefas adicionais ou o incremento naquelas já existentes.

10.3.2 O estudo fundamenta-se no conhecimento da Ordem de Batalha das Unidades, Organizações e Órgãos Inimigos que executam a Atividade de Inteligência, Comunicação Social e de Operações Psicológicas. Também são analisadas as forças inimigas capazes de realizar atos de sabotagem, terrorismo, espionagem, propaganda adversa e desinformação também devem ser analisadas. De especial interesse são a organização, a instrução, o material, a doutrina, as técnicas e o desdobramento dessas forças.

10.3.3 O Exame de Situação de CI é aplicável a todos os escalões, ressalvadas suas peculiaridades, possibilidades e limitações, desde unidades até o Corpo de Exército.

10.3.4 O Subchefe da C Intlg da FTC é o responsável por supervisionar a execução do Exame de Situação de CI e a implementação do grupo de medidas decorrentes. O detalhamento do Exame de Situação de Contrainteligência está descrito no Manual 2.50 *Contrainteligência nas Operações Militares*.

ANEXO A**EXAME DE SITUAÇÃO DE INTELIGÊNCIA****(Classificação Sigilosa)**

Exemplar Nr
Unidade
Local
Data-Hora
Indicativo

(Rfr: Cartas, calcos e outros documentos necessários à compreensão da situação)

1. MISSÃO

- O novo enunciado da missão emitido pelo comandante.

2. CARACTERÍSTICAS DO AMBIENTE OPERACIONAL

- Neste parágrafo, são discutidas as influências do ambiente operacional, utilizadas para se chegar a uma conclusão. O parágrafo é baseado em fatos ou em conclusões de uma análise do ambiente, caso tenha sido elaborada. Cabe destacar a abordagem dos múltiplos domínios. A análise pode se resumir a uma referência, caso ela apresente todas as análises parciais e discussões necessárias.

a. Condições Meteorológicas**1) Situação existente**

a) Incluir os dados de luminosidade e uma previsão meteorológica ou informações do clima, conforme o caso.

b) Usar um anexo para as informações minuciosas.

2) Efeitos sobre as operações do inimigo

a) Discutir os efeitos das condições meteorológicas sobre cada uma das linhas de ação gerais do inimigo.

b) Apresentar conclusões, enunciando resumidamente se as condições meteorológicas facilitam ou não determinada L Aç.

- Entre as L Aç incluir, conforme o caso: emprego de armamento QBRN; métodos e processos particulares de combate; emprego de equipamentos ou Forças com características particulares (Forças Aeroterrestres – F Aet, equipamentos de vigilância, de comunicações, cibernética e de guerra eletrônica); dissimulação e efeitos sobre as atividades de apoio logístico.

3) Efeitos sobre as nossas operações

a) Da mesma forma que o item anterior, considerando as linhas de ação gerais para o cumprimento da missão.

(Classificação Sigilosa)

b. Terreno

- Utilizar as representações gráficas sempre que possível. Utilizar anexos para as informações minuciosas. Incluir tantas informações quantas forem necessárias para uma compreensão perfeita dos aspectos militares do terreno.

1) Situação existente

a) Observação e campos de tiro - Considerar as elevações e a vegetação quanto às possibilidades de observação e campos de tiro para ambos os contendores.

b) Cobertas e abrigos

- Incluir, para ambos os lados, as condições de desenfiamiento e disfarce proporcionadas pela existência de vegetação, edificações e elevações.

c) Obstáculos

- Verificar a existência de obstáculos naturais e artificiais, tais como: pântanos, matas, rios e localidades.

d) Acidentes capitais

- Com base na análise das condições de observação e campos de tiros, das cobertas e abrigos, dos obstáculos e da missão, selecionar os acidentes capitais. Considerar qualquer acidente ou área, cuja conquista, manutenção da posse ou controle propicie acentuada vantagem a qualquer das Forças oponentes.

- Discutir sucintamente a influência de cada acidente capital em função da provável evolução das nossas operações e das operações do inimigo.

- Caso o inimigo não tenha possibilidade de conquistar ou controlar determinado acidente capital, a discussão é omitida.

e) Vias de acesso

- Relacionar as VA para o interior das nossas posições e para o interior das posições inimigas.

- As VA do inimigo são relacionadas em primeiro lugar.

- Quando qualquer uma das Forças oponentes dispõe de um adequado número de aeronaves que possam ser usadas para o desdobramento das tropas e equipamentos à frente de suas posições, de forma a afetar substancialmente o cumprimento da missão, as VA aéreas são também relacionadas. Entretanto, caso nem o terreno e nem as condições climáticas e meteorológicas exerçam influência sobre a escolha de rotas aéreas, essas vias de acesso não são relacionadas. Para as unidades de apoio logístico, o estudo das VA é baseado nas necessidades de segurança da área de retaguarda.

- Analisar e comparar as vias de acesso relacionadas.

2) Efeitos sobre as operações do inimigo

a) Apresentar da mesma forma que os efeitos das condições meteorológicas.

b) Para a linha de ação de defender, citar a melhor região de defesa e a melhor via de acesso que a ela conduz.

c) Para a linha de ação de atacar, citar a melhor via de acesso.

3) Efeitos sobre as nossas operações

- Da mesma forma seguida para o estudo dos efeitos do terreno sobre as operações do inimigo.

c. Considerações civis:

- 1) Situação existente
- 2) Efeitos sobre as operações do inimigo
- 3) Efeitos sobre as nossas operações

- Da mesma forma seguida para o estudo dos efeitos do terreno sobre as operações do inimigo.

d. Outras características:

1) Quando for o caso, considerar em itens separados as seguintes características: políticas, econômicas, psicossociais e outros fatores, tais como: ciência, material, transporte, hidrografia e população.

2) A análise é feita seguindo a mesma norma utilizada para a análise das condições meteorológicas, do terreno e considerações civis.

3. SITUAÇÃO DA AMEAÇA

- Neste parágrafo, estão relacionadas as informações sobre a ameaça que permitam o posterior levantamento de suas possibilidades e vulnerabilidades, bem como a probabilidade relativa de adoção dessas possibilidades. Na elaboração deste parágrafo, é necessário selecionar os tópicos dos conhecimentos de inteligência que, realmente, sejam pertinentes. Ademais, a análise deve abordar os aspectos nas manobras física e informacional.

a. Dispositivo

- Pode ser feita referência a um calco de situação do inimigo, a cartas ou a documentos já expedidos.

b. Composição

1) Relacionar todas as unidades, inclusive as Forças irregulares, com suas respectivas identificações, que podem influir no cumprimento de nossa missão. São também incluídas as unidades de apoio, tais como: de artilharia, de GE, Cibernética, as aéreas e as navais.

2) Para a determinação das unidades inimigas que podem afetar o cumprimento da missão, levar em consideração os fatores espaço e tempo.

3) Pode ser feita uma referência a documentos anteriores.

c. Valor

1) **Tropa empenhada** (omite-se o item caso não haja tropa empenhada).

a) Relacionar as unidades terrestres inimigas e suas reservas imediatas, bem como suas unidades de apoio de fogo terrestres empregadas contra as nossas tropas, cujas áreas de emprego não se espera que sejam mudadas, que podem se opor a qualquer linha de ação selecionada pelo comandante do escalão considerado.

b) Incluir as unidades de Artilharia, inclusive as que estejam em posição para apoiar as tropas empenhadas.

2) **Tropa em condições de reforçar** (omite-se o item caso não haja reforços disponíveis)

a) Relacionar as unidades inimigas que podem ser empregadas contra o nosso escalão, incluindo a identificação e a localização.

3) Aéreo

- Número e tipo de aeronaves dentro do raio operacional. Incluir o número de surtidas diárias possíveis, por tipo de aeronaves, se conhecidas.

4) Operações Químicas, Biológicas e Nucleares (quando for o caso)

- Enunciar a estimativa, conforme o caso, do número, tipo, potência e sistema de lançamento de armas nucleares e de agentes químicos e biológicos disponíveis do inimigo.

5) Outras considerações

- Forças oponentes conhecidas, capazes de realizar as ações de cibernética, a guerra eletrônica, a guerra irregular, ou a observação do campo de batalha por meios eletrônicos, acústicos e outros.

d. Atividades Importantes, Recentes e Atuais

1) Relacionar as informações que propiciem uma base para determinar a probabilidade relativa de adoção de linhas de ação específicas do inimigo e suas vulnerabilidades.

a) São também relacionadas:

- ausência de execução, por parte do inimigo, de ações previstas ou esperadas; e
- qualquer indício de que o inimigo tenha conhecimento da nossa situação ou intenções.

b) Peculiaridades e Deficiências

2) Com base no conhecimento da doutrina, das práticas anteriores, dos princípios de guerra do inimigo, do ambiente operacional e da situação inimiga descrita e estudada anteriormente, relacionar os assuntos que permitam o levantamento de vulnerabilidades e a determinação da possibilidade relativa de adoção das L AÇ do inimigo.

3) Os assuntos são grupados em itens cujos títulos só constam quando houver necessidade:

- a) pessoal;
- b) inteligência;
- c) operações;
- d) logística;
- e) comunicação social e assuntos civis; e
- f) personalidade.

4. POSSIBILIDADES DA AMEAÇA

a. Com base nas informações e análises anteriores, levantar e enumerar as possibilidades da ameaça, no contexto das manobras física e informacional.

- A enumeração dessas possibilidades proporciona uma base para a análise das informações disponíveis, a fim de poder concluir quais as possibilidades que a Força oponente pode adotar como linhas de ação específicas, bem como a probabilidade relativa de adoção dessas linhas de ação.

- Enumeração - Enunciar "O QUÊ?", "QUEM?", "QUANDO?", "ONDE?", "COMO?" e "COM QUE VALOR?" para cada possibilidade.

b. Análise e Discussão

- A fim de proporcionar uma base para conclusões sobre a adoção das possibilidades da ameaça e da probabilidade dessa adoção, cada possibilidade ou combinações adequadas são analisadas em itens independentes.

- Todas as informações anteriores relacionadas são consideradas, seja para apoiar ou rejeitar a viabilidade de adoção da possibilidade.

- Após relacionar todos os indícios, cada possibilidade é analisada tendo em vista determinar se ela é vantajosa ou não para a Força oponente.

- Essa análise torna-se desnecessária quando a conclusão for óbvia ou quando não houver indício de adoção dessa possibilidade, exceto quando essa adoção feita pelo inimigo venha tornar altamente comprometedor o desempenho de nossa missão. Esta exceção é feita a fim de chamar a atenção para a principal ameaça.

5. CONCLUSÕES

- As conclusões são enunciadas em termos de efeitos totais do ambiente operacional, com foco nos múltiplos domínios e na manobra física e informacional, sobre as nossas linhas de ação gerais, de linhas de ação mais prováveis de adoção pela ameaça, inclusive a probabilidade relativa de adoção, bem como os efeitos das vulnerabilidades da ameaça que podem ser aproveitadas de modo a servir de base para a seleção da nossa linha de ação.

a) Efeitos do Ambiente Operacional Sobre as Nossas Operações

- Considerar todas as L Aç gerais que permitam cumprir ou facilitar o cumprimento da nossa missão, tais como: atacar, defender, retrain, empregar apoio aéreo, empregar meios de cibernética e de GE, empregar blindados ou mesmo forças guerrilheiras.

b) Linhas de Ação Prováveis da Ameaça

- As L Aç mais prováveis da ameaça são enunciadas em ordem de probabilidade relativa de adoção. Uma L Aç provável pode incluir várias L Aç possíveis de serem executadas concomitantemente. As L Aç da ameaça devem ser submetidas à prova de APA.

c) Vulnerabilidades

- Enunciar os efeitos das peculiaridades e deficiências que resultam em vulnerabilidades, que possam ser aproveitadas pelo escalão considerado ou pelos escalões superiores ou subordinados. A ordem de apresentação das vulnerabilidades não constitui prioridade, não tendo, portanto, importância.

Oficial de Inteligência
Anexos (quando for o caso)

ANEXO B**EXAME DE SITUAÇÃO DE CONTRAINTELIGÊNCIA****(Classificação Sigilosa)**

(Rfr: Crt...Esc...Fl...)

Exemplar Nr
Unidade
Local
Data-Hora
Indicativo

1. MISSÃO

- Enunciado da missão.

2. EFEITOS AMBIENTAIS SOBRE AS OPERAÇÕES**a. Forças Amigas**

- 1) Forças amigas presentes
- 2) Principais meios críticos e ativos
- 3) Deficiências

b. Ameaça**c. Terreno****d. Condições meteorológicas****e. Considerações civis****f. Análise sumária sobre os efeitos do ambiente nas forças amigas****3. AMEAÇA****a. Características da ameaça**

- 1) Inteligência
- 2) Unidades de operações especiais
- 3) Unidades de operações psicológicas
- 4) Comunicação social
- 5) Guerra irregular
- 6) Grupos terroristas
- 7) Organizações criminosas
- 8) Grupos hostis
- 9) Outras unidades e órgãos capazes de realizar ações de espionagem, sabotagem, terrorismo, ações psicológicas, desinformação e tarefas de IRVA.

b. Situação da ameaça

- 1) Inteligência
- 2) Unidades de operações especiais
- 3) Unidades de operações psicológicas
- 4) Comunicação social
- 5) Guerra irregular

(Classificação Sigilosa)

- 6) Grupos terroristas
- 7) Organizações criminosas
- 8) Grupos hostis
- 9) Outras unidades e órgãos capazes de realizar ações de espionagem, sabotagem, terrorismo, ações psicológicas, desinformação e tarefas de IRVA.

c. Análise sumária sobre as capacidades da ameaça frente às deficiências das forças amigas

4. LINHAS DE AÇÃO DA AMEAÇA

- Conclusões sobre as linhas de ação inimiga e seus meios com capacidade de explorar as nossas vulnerabilidades:

- 1) Manobra
- 2) Inteligência
- 3) Fogos
- 4) Proteção
- 5) Comando e Controle
- 6) Logística
- 7) Informações (cibernética, guerra eletrônica, operações psicológicas, comunicação social e outras)

5. GERENCIAMENTO DE RISCOS

- a. Processo de avaliação de riscos
 - Metodologia e/ou TAE que contribua com a identificação e análise de riscos.
- b. Linhas de ação
 - Ações e medidas de C Intlg vocacionadas para o tratamento dos riscos analisados.

Oficial de Inteligência
Anexos (quando for o caso)

(Classificação Sigilosa)

GLOSSÁRIO

PARTE I – ABREVIATURAS E SIGLAS

A

Abreviaturas/Siglas	Significado
AEA	Autoridade do Espaço Aéreo
An Intlg	Anexo de Inteligência
A Op	Área de Operações
Ambi Op	Ambiente Operacional
Art	Artilharia
Art Cmp MF	Artilharia de Campanha de Mísseis e Foguetes
Av Ex	Aviação do Exército

B

Abreviaturas/Siglas	Significado
BCS	Busca, Combate e Salvamento
Bda	Brigada
BIM	Batalhão de Inteligência Militar

C

Abreviaturas/Siglas	Significado
C ²	Comando e Controle
CCAF	Centro de Coordenação de Apoio de Fogo
Cel Intlg	Célula de Inteligência
Cent Intlg	Central de Inteligência
C Ex	Corpo de Exército
CG	Centro de Gravidade
CI	Contraineligência
CIM	Companhia de Inteligência Militar
CIMIC	Cooperação Civil-Militar
CYBINT/CIBERINT	Inteligência Cibernética – <i>Cyber Intelligence</i>
Cmt	Comandante
Com Soc	Comunicação Social
Cmb	Combate, Combatente
Conhc Intlg	Conhecimento de Inteligência

D

Abreviaturas/Siglas	Significado
DAAe	Defesa Antiaérea
DAC	Defesa Anticarro
DE	Divisão de Exército
DEFAR	Defesa de Área de Retaguarda
DiCoVAP	Dispositivo, Composição, Valor, Atividades importantes, Peculiaridades e deficiências
DOAMEPI	Doutrina, Organização (e/ou Processos), Adestramento, Material, Educação, Pessoal e Infraestrutura
DQBRN	Defesa Química, Biológica, Radiológica e Nuclear
D-2	Oficial de Inteligência
D ² EA	Decidir, Detectar, Engajar e Avaliar

E

Abreviaturas/Siglas	Significado
EB	Exército Brasileiro
EEI	Elementos Essenciais de Inteligência
EFD	Estado Final Desejado
EM	Estado-Maior
Esc Sp	Escalão Superior
Esc Subrd	Escalão Subordinado
Exm Sit	Exame de Situação
Exm Sit Intlg	Exame de Situação de Inteligência
Exm Sit CI	Exame de Situação de ContrainTELigência
Eng	Engenharia
EPS	Estrada Principal de Suprimento
Exm Sit Cmt Tat	Exame de Situação do Comandante Tático

F

Abreviaturas/Siglas	Significado
FA	Forças Armadas
F Adv	Força Adversa
F Ae	Força Aérea
F Aet	Força Aeroterrestre
F Amg	Força Amiga
F Amg Estac	Força Amiga Estacionária
F Cmb Intlg	Função de Combate Inteligência

F Cte	Força Componente
Abreviaturas/Siglas	Significado
F Esp	Forças Especiais
F Estac	Força Estacionária
F Ini	Força Inimiga
F Irreg	Força Irregular
F Jç	Força de Junção
F Leg	Forças Legais
F Reg	Forças Regulares
F Ter	Força Terrestre
FTC	Força Terrestre Componente

G

Abreviaturas/Siglas	Significado
G Ciber	Guerra Cibernética
GE	Guerra Eletrônica
GEOINT	Geointeligência
GLO	Garantia da Lei e da Ordem
Gpt Intlg Mil	Grupamento de Inteligência Militar
GR	Gerenciamento de Risco
GTE	Geoinformação Temática de Engenharia

I

Abreviaturas/Siglas	Significado
IM	Inteligência Militar
IMINT	Inteligência de Imagens – <i>Imagery Intelligence</i>
Ini	Inimigo
Intlg	Inteligência
IRVA	Inteligência de Fontes Humanas – HUMINT

H

Abreviaturas/Siglas	Significado
HUMINT	Inteligência Militar

L

Abreviaturas/Siglas	Significado
L Aç	Linha de Ação
LEA	Levantamento Estratégico de Área

M

Abreviaturas/Siglas	Significado
MAE	Medida de Ataque Eletrônico
MAGE	Medida de Apoio a Guerra Eletrônica
MASINT	Inteligência de Assinatura de Alvos – <i>Measurement and Signature Intelligence</i>
MC	Manual de Campanha
Mdt O	Mediante Ordem
MEDINT	Inteligência de Saúde – <i>Medical Intelligence</i>

N

Abreviaturas/Siglas	Significado
NI	Necessidades de Inteligência
Ni	Nível

O

Abreviaturas/Siglas	Significado
OB	Ordem de Busca
OBE	Ordem de Batalha Eletrônica
Obj	Objetivo
Obtç	Obtenção
Of Intlg	Oficial de Inteligência
Of Op	Oficial de Operações
OM	Organização Militar
OMIM	Organização Militar de Inteligência
ONI	Outras Necessidades de Inteligência
O Lig Intlg	Oficial de Ligação de Inteligência
O Op	Ordem de Operações
Op	Operações
Op Aet	Operação Aeroterrestre
Op Anf	Operação Anfíbia
Op B	Operações Básicas
Op Cmpl	Operações Complementares
Op Def	Operações Defensivas
Op Dsml	Operações de Dissimulação
Op Esp	Operações Especiais
Op Ev N Cmb	Operações de Evacuação de Não Combatentes

Abreviaturas/Siglas	Significado
Op Info	Operações de Informações
Op Intlg	Operador de Inteligência
Op Itd	Operações de Interdição
Op Jç	Operações de Junção
Op Ofs	Operações Ofensivas
Op Psc	Operações Psicológicas
Op Seg	Operações de Segurança
OSINT	Inteligência sobre Fontes Abertas – <i>Open Source Intelligence</i>

P

Abreviaturas/Siglas	Significado
PEECFA	Plano Estratégico de Emprego Conjunto das Forças Armadas
PED	Processamento, Exploração e Difusão
PEI	Plano Estratégico de Inteligência
PI	Pedido de Inteligência
PITCIC	Processo de Integração Terreno, Condições Meteorológicas, Inimigo e Considerações Cíveis
PMA	Penetração Máxima Permitida
PMESIIAT	Político, Militar, Econômico, Social, Informacional, Infraestrutura, Ambiente Físico, Tempo
POI	Plano de Obtenção de Inteligência
P Op	Plano de Operações
PPCOT	Processo de Planejamento e Condução das Operações Terrestres

Q

Abreviaturas/Siglas	Significado
QBRN	Químico, Biológico, Radiológico e Nuclear

R

Abreviaturas/Siglas	Significado
Rec Vig	Reconhecimento e Vigilância
Rec Ae	Reconhecimento Aéreo
Rdv	Rodovia
Rg	Região
RIPI	Região de Interesse Para Inteligência

S

Abreviaturas/Siglas	Significado
SAR	Busca e Resgate
SARP	Sistemas de Aeronaves Remotamente Pilotadas
SINDE	Sistema de Inteligência de Defesa
SISP	Sistema de Inteligência de Segurança Pública
S-2	Oficial de Inteligência
Seç Op	Seção de Operações
Seç Plj Coord Intlg	Seção de Planejamento e Coordenação de Inteligência
SEGAR	Segurança de Área de Retaguarda
SIEx	Sistema de Inteligência do Exército
SIGINT	Inteligência sobre de Sinais
SISBIN	Sistema Brasileiro de Inteligência

T

Abreviaturas/Siglas	Significado
TECHINT	Inteligência Técnica
TI	Tecnologia de Informação
TIC	Tecnologia de Informação e Comunicações
TO	Teatro de Operações
TTP	Táticas, Técnicas e Procedimentos
Tr	Tropa

V

Abreviaturas/Siglas	Significado
VA	Via de Acesso

Z

Abreviaturas/Siglas	Significado
Z Aç	Zona de Ação

GLOSSÁRIO

PARTE II – TERMOS E DEFINIÇÕES

Abrangência – Quanto às ações de Inteligência, abrangência é critério relativo à amplitude dos resultados almejados, segundo o qual as operações tipificam-se em exploratórias e sistemáticas. Quanto ao conhecimento de Inteligência, abrangência é categoria relativa ao âmbito de produção, segundo a qual os conhecimentos tipificam-se em internos e externos.

Acesso – Possibilidade e/ou oportunidade de uma pessoa obter informação (conhecimento e/ou dado) classificada. Deriva, necessariamente, de uma autorização oficial emanada de autoridade competente ou da superação das medidas de salvaguarda. Sob a ótica da Inteligência, o termo acesso denota a possibilidade e/ou oportunidade, bem como a condição para fazê-lo, de uma pessoa obter ou consultar conhecimentos, dados e/ou materiais que devam estar protegidos pelo Sistema Exército.

Acompanhamento – Ação de obter informações continuadas sobre os movimentos e a composição de alvos ou forças, após sua detecção e localização.

Ameaça – 1. Qualquer conjunção de atores, entidades ou forças com intenção e capacidade de realizar ação hostil contra o país e seus interesses nacionais, com possibilidades de, por intermédio da exploração de deficiências, causar dano ou comprometer a sociedade nacional (a população e seus valores materiais e culturais) e seu patrimônio (território, instalações, áreas sob jurisdição nacional e/o conjunto das informações de seu interesse). Também pode ocorrer sob a forma de eventos não intencionais (naturais ou provocados pelo ser humano). 2. Conjunção de ator, motivação e capacidade de realizar ação hostil, real ou potencial, com possibilidade de, por intermédio da exploração de deficiências, comprometer as informações, afetar o material, o pessoal e seus valores, bem como as áreas e instalações, podendo causar danos ao Exército Brasileiro.

Amplitude – Princípio da atividade de Inteligência que consiste na obtenção dos mais completos resultados nos trabalhos desenvolvidos.

Análise – Processo mental elaborado pelo analista de Inteligência, após a reunião de dados e conhecimentos de diferentes fontes, visando à produção de um conhecimento.

Antiterrorismo – 1. Conjunto de atividades que engloba as medidas defensivas de caráter preventivo, a fim de minimizar as vulnerabilidades dos indivíduos e das propriedades, impedindo e dissuadindo os atentados terroristas. 2. (EB) Conjunto de atividades e medidas defensivas de caráter eminentemente

preventivo, destinado a dissuadir indivíduos ou grupos (nacionais, estrangeiros ou transnacionais) que têm a intenção de empregar táticas, técnicas e procedimentos típicos de organizações terroristas, independentemente de suas possíveis motivações ou orientações ideológicas. Destinado também a identificar ameaças terroristas reais ou potenciais e impedir a realização de atos de terror.

Apoio ao Combate – Apoio prestado em uma operação aos elementos de combate, traduzido pelo apoio de fogo, apoio ao movimento e apoio à capacidade de coordenação e controle, com a finalidade de aumentar o poder de combate das unidades de manobra.

Apoio Logístico – Apoio prestado por organizações militares específicas, abrangendo a execução de atividades das funções logísticas de recursos humanos, de saúde, de suprimento, de manutenção, de transporte, de engenharia e de salvamento para sustentar a capacidade de operação e de durabilidade na ação das forças.

Área de Influência – Parte da A Op, incluindo a área de responsabilidade, na qual o comandante é capaz de influenciar diretamente o curso do combate, mediante o emprego de seus próprios meios. Corresponde a um espaço físico que se expande, reduz-se e transfere-se em função da capacidade da Força para detectar e atuar sobre o oponente. É determinada pelo alcance dos sistemas orgânicos e dos outros meios sob seu controle em um dado momento. Sua definição sofre influência do terreno e das condições meteorológicas.

Área de Interesse – Área geográfica que se estende além da área de responsabilidade/zona de ação. É constituída por áreas adjacentes ou não à zona de ação, tanto à frente como nos flancos e retaguarda, onde os fatores e acontecimentos que nela se produzam possam repercutir no resultado ou afetar as ações, as operações atuais e futuras.

Área de Operações – Espaço geográfico necessário à condução de operações militares, cuja magnitude dos meios e complexidade das ações não justifique a criação de um TO.

Área de Responsabilidade – Espaço sobre o qual um comando tem total responsabilidade para conduzir e coordenar as ações necessárias ao cumprimento de sua missão.

Atividade de Inteligência – 1. Exercício permanente de ações especializadas destinadas à produção de conhecimentos e à proteção da sociedade e do Estado, com vistas ao assessoramento de autoridades de sucessivos governos, nos respectivos níveis e áreas de atribuição. 2. Atividade baseada em processo mental que tem por finalidade produzir e salvaguardar conhecimento de interesse. Desdobra-se em dois grandes ramos: Inteligência – objetivamente voltado para a produção de conhecimentos; e Contrainteligência – objetivamente voltado para a salvaguarda de conhecimentos.

Ativo – Todo elemento, incluindo pessoas, que componha os processos, que manipule ou processe informação, a contar dela própria e o meio que a suporte, bem como o material, as áreas e as instalações de uma OM, além dela própria, que, por constituir um determinado valor, necessita de proteção adequada.

Busca – Atividade sigilosa voltada para a obtenção de dados não disponíveis e protegidos por medidas de segurança estabelecidas por quem os detém. Exige, para sua execução, pessoal especializado e emprego de técnicas operacionais.

Briefing (ou BRIFIM) – Ato ou efeito de prestar informações resumidas, relativas a um assunto específico, a alguém que vai participar ou executar uma determinada tarefa ou ação, para fim de coordenação.

Canal Técnico – Linhas de entendimento funcional entre autoridades técnicas, entre comandos de apoio (ao combate e logístico) e entre as organizações militares apoiadas e, também, entre membros do Estado-Maior da força e os comandos subordinados. Esse canal permite entendimento funcional de informação, coordenação, supervisão e controle.

Carta de Situação – Carta que indica a situação tática ou administrativa em determinada ocasião, utilizada para o estudo/exame de situação do Estado-Maior ou como referência aos relatórios desse órgão.

Capacidade operacional: Aptidão requerida a uma força ou organização militar, para que possa obter um efeito estratégico, operacional ou tático. É obtida a partir de um conjunto de sete fatores determinantes, inter-relacionados e indissociáveis: Doutrina, Organização (e/ou processos), Adestramento, Material, Educação, Pessoal e Infraestrutura – que formam o acrônimo DOAMEPI.

Central de Inteligência – Nos escalões da Força Terrestre, a produção dos conhecimentos é realizada pela Cent Intlg. Esta deve ser dotada de estruturas e meios diretamente relacionados com a OM enquadrante, com a complexidade dos conhecimentos necessários e com o volume de meios de obtenção de dados das diversas fontes empregadas. Os meios de análise disponíveis de uma Cent Intlg contam com a participação de especialistas de todas as fontes de dados utilizadas na operação. Visualiza-se o funcionamento da Cent Intlg antes, durante e após o desencadeamento de uma operação militar. A Cent Intlg possui as seguintes capacidades:

- a) permite a integração de dados, informações e conhecimentos oriundos das diversas fontes;
- b) permite a obtenção de dados em tempo real, utilizando-se plenamente da tecnologia da informação disponível; e
- c) oferece flexibilidade para atender ao nível tático, operacional e estratégico, em cenários variados.

Célula de Inteligência – Seção de Inteligência organizada para uma operação militar.

Certeza – Estado da mente perante a verdade, no qual a mente considera a imagem por ela formada como correspondente a determinado objeto. Essa concordância é integral, em razão da suficiência de evidências para alcançar a certeza.

Centro de Gravidade – É uma fonte, componente primário de força, poder e resistência física ou moral que confere ao contendor, em última análise, a liberdade de ação para utilizar integralmente seu poder de combate. É um ponto crítico de um sistema, cujo funcionamento é imprescindível à sobrevivência do conjunto.

Ciclo da Inteligência ou Ciclo de Inteligência – 1. Sequência ordenada de atividades por meio das quais dados são obtidos e conhecimentos são produzidos e colocados à disposição dos usuários de forma racional. 2. *Modus operandi* do ramo Inteligência, composto de cinco fases (política, planejamento, reunião, processamento e difusão), com ponto inicial e final na fase política.

Coleta – Ação especializada para obtenção de dados de livre acesso.

Companhia de Inteligência – Organizações militares de inteligência diretamente subordinadas aos comandos militares de área a que estiverem alocadas, a que prestam apoio operacional de inteligência.

Compartimentação – Restrição do acesso com base na necessidade de conhecer.

Conceito – Representação geral de ideia ou noção, concreta ou abstrata, de determinada realidade.

Conflito – 1. Fenômeno social caracterizado pelo choque de vontades decorrente do confronto de interesses, constituindo uma forma de se buscar uma solução ou compromisso. Os meios a empregar e as ações a desenvolver dependerão do poder relativo dos oponentes, da liberdade de ação concedida por outros atores e pela importância atribuída ao objetivo a conquistar ou manter. 2. Enfrentamento, com disposição de lutar, entre pessoas, grupos ou nações, com a finalidade de obter determinados ganhos, de modo a conquistar ou manter os interesses almejados.

Conjuntura – 1. Quadro configurador, em uma determinada época, da situação política, econômica, psicossocial e militar de uma região, de um país ou de um conjunto de países, nos seus aspectos internos e em suas projeções externas. 2. Situação nascida de um encontro de circunstâncias e que se considera como o ponto de partida de uma evolução e de uma ação. 3. Apreciação que enfoca o acompanhamento da situação de um determinado país ou área estratégica, em um período de tempo definido, constando de uma abordagem analítica dos principais assuntos de interesse em pauta, divididos segundo os campos do poder e de uma conclusão geral.

Consciência Situacional – Percepção precisa e atualizada do ambiente operacional no qual se atuará e no reconhecimento da importância de cada elemento percebido em relação à missão atribuída.

Considerações Cíveis – Influência das instituições cíveis, das atitudes e atividades das lideranças cíveis, da população, da opinião pública, do meio ambiente, da infraestrutura construída pelo homem, das agências nacionais e internacionais, governamentais ou não governamentais, com capacidade de formar opiniões entre os nacionais ou internacionais, no espaço de batalha.

Contraterrorismo – 1. Grupo de medidas voltado a contribuir para a detecção, identificação, avaliação e neutralização de atos e ameaças terroristas. 2. Conjunto de atividades que engloba medidas ofensivas de caráter repressivo, a fim de impedir, dissuadir, antecipar e responder aos atentados terroristas. Enquanto que o “antiterrorismo” fundamenta-se na ação de proteção caracterizada pela presença ostensiva, de caráter eminentemente preventivo, o “contraterrorismo” demanda a execução de ações diretas de contato, eminentemente repressivas/retaliatórias, com as organizações terroristas em presença.

Controle de Danos – 1. Consiste nas medidas preventivas e de controle, adotadas para reduzirem ao mínimo os efeitos da ação inimiga, dos grandes desastres ou de catástrofes da natureza, a fim de assegurar a continuidade ou o restabelecimento do apoio logístico. 2. Procedimentos para verificar, sanar ou mitigar, em caso de dano, o comprometimento dos ativos.

Controle Operacional – Autoridade de comando temporariamente transferível que pode ser exercida exclusivamente por comandantes militares em qualquer escalão. Deve ser delegado o tempo suficiente para compreender as atividades de organização e emprego, objetivando o cumprimento de determinada missão. Tal delegação não inclui aspectos logísticos, nem assuntos de administração, disciplina, organização interna e treinamento.

Coordenação – Ato ou o efeito de conciliar interesse e conjugar esforços para a consecução de um objetivo ou tarefa comum. É obtida por meio da conjugação harmônica de esforços de elementos distintos, visando a alcançar um mesmo fim e evitando a duplicidade de ações, a dispersão de recursos e a divergência de soluções. Otimiza resultados e aumenta a eficácia das ações.

Dado Negado – Dado sensível protegido por seu detentor, para resguardá-lo do acesso não autorizado.

Danos – Abrangência dos impactos negativos decorrentes de uma ação hostil, originada da exploração de deficiências existentes.

Difusão – Fase do ciclo da Inteligência que consiste na transmissão do conhecimento produzido ao usuário, que tem à sua disposição esse produto como subsídio para a ação governamental.

Dimensão Informacional – Conjunto de indivíduos, organizações e sistemas que são utilizados para coletar, processar, disseminar ou agir sobre a informação. Incluem tomadores de decisão, indivíduos e organizações. Os recursos incluem os materiais e sistemas utilizados para obter, analisar, aplicar ou divulgar informações. Os decisores e sistemas automatizados a utilizam para observar, orientar, decidir e agir de acordo com as informações, sendo, portanto, o principal ambiente de tomada de decisão.

Elementos Essenciais de Inteligência – Tópico de informação ou de informe sobre as características físicas e humanas no TO/A Op ou sobre as possibilidades do inimigo que o comandante julga necessitar, em um determinado momento, para correlacioná-los com outros conhecimentos disponíveis, a fim de contribuir no processo decisório que lhe permita o cumprimento da missão.

Elemento de Operações – Fração do órgão de Inteligência que tem como atribuições a busca de dados não disponíveis e/ou que contribuam para a neutralização de ações adversas, por meio da execução de ações de busca.

Espaço de Batalha – Dimensão física e virtual onde ocorrem e repercutem os combates, abrangendo as expressões política, econômica, militar, tecnológica e psicossocial do poder, que interagem entre si e entre os beligerantes. O campo de batalha está incluído no espaço de batalha.

Espaço Cibernético – Espaço virtual, composto por dispositivos computacionais conectados em redes ou não, onde as informações digitais transitam, são processadas e/ou armazenadas.

Estado Final Desejado – Conjunto de condições que definem o atingimento dos objetivos do comandante.

Estimativas Correntes – Avaliação contínua da situação atual utilizada para determinar se a operação em curso está transcorrendo conforme a intenção do comandante e se as operações subsequentes são apoiáveis. Considera-se os efeitos das novas informações e atualiza-se os fatos, suas suposições, a situação das forças amigas e os aspectos relacionados ao PITCIC, finalizando com conclusões e recomendações.

Exame de Situação – Processo lógico e continuado de raciocínio pelo qual um comandante ou um oficial de estado-maior considera todas as circunstâncias que possam afetar a situação militar e chegar a uma decisão ou proposta, visando ao cumprimento da missão, consolidado por meio de documento formal.

Força Adversa – Pessoas, grupos de pessoas ou organizações cuja atuação comprometa o pleno funcionamento do estado democrático de direito, da paz social e da ordem pública.

Forças Convencionais – Aquelas destinadas à execução das operações militares convencionais (singulares ou conjuntas). Compreendem, de um modo geral, as frações, subunidades e unidades das armas, quadros e serviços, assim como as grandes unidades e os grandes comandos operacionais da Força Terrestre.

Força Oponente – Pessoas, grupos de pessoas ou organizações cuja atuação compromete o pleno funcionamento do estado democrático de direito e da paz social.

Capacidade Operacional Inteligência – Apoia o comando em todos os tipos de operações, ajudando-o a decidir onde e quando empregar seus meios militares para cumprir, com êxito, a missão recebida. Fundamental para obter a surpresa, possibilita, ainda, a manutenção da iniciativa em todas as fases das ações militares.

Inteligência, Reconhecimento, Vigilância e Aquisição de Alvos – Processo de integração das atividades e tarefas de reconhecimento, vigilância e aquisição de alvos com a IM, com a finalidade de melhorar o entendimento da situação pelos comandantes em todos os níveis (consciência situacional) e, conseqüentemente, os seus processos decisórios. Tem como principal tarefa a obtenção de dados/informações para atender às Necessidades de Inteligência.

Informação – Conhecimento resultante de raciocínio elaborado e que expressa a certeza do analista quanto ao significado de situações ou fatos passados ou presentes.

Informe – Conhecimento resultante de avaliação de situação ou fato passado ou presente quanto à idoneidade de sua fonte e à veracidade do seu conteúdo.

Meios de Obtenção – Ferramentas, materiais e técnicas utilizadas para obter os dados necessários para a produção de conhecimentos de interesse da atividade de inteligência.

Monitoramento – Processo sistemático de coleta, análise, interpretação e divulgação de informações sobre áreas geográficas reduzidas ou extensas, por intermédio de sistemas sensores imageadores com diferentes resoluções espaciais, que podem ser geostacionários ou não.

Necessidade de Conhecer – Condição pessoal, inerente ao efetivo exercício de cargo, da função, do emprego ou da atividade, indispensável para que uma pessoa tenha acesso à informação sensível.

Necessidades de Inteligência – São os conhecimentos específicos estabelecidos pelo comandante em função da missão a ser cumprida. As NI do comandante são satisfeitas pelos conhecimentos de que ele necessita, relativos ao terreno, inimigo, condições climáticas e meteorológicas e considerações civis, a fim de poder cumprir sua missão com êxito. Normalmente, a reunião de dados e conhecimentos não é suficiente para satisfazer de imediato todas as NI. Por isso, os recursos empregados na atividade de obtenção são orientados para NI de prioridades mais elevadas.

Oportunidade – Princípio da atividade de Inteligência que consiste em desenvolver ações e apresentar resultado sem prazo apropriado para sua utilização.

Ordem de Batalha – Informações sobre pessoal, unidades e equipamentos de uma força, amiga ou inimiga, incluindo, se possível, efetivo, identificação, localização, estrutura de comando, históricos e outros dados relativos às unidades e personalidades militares.

Ordem de Busca – Documento utilizado internamente em uma Agência de Inteligência, por meio do qual os elementos de Inteligência e Contraineligência (departamento, divisão, seção *etc.*) acionam o encarregado da busca, visando à obtenção de conhecimentos.

Órgãos de Inteligência – Entende-se como órgãos de Inteligência o Centro de Inteligência do Exército (órgão central do Sistema de Inteligência do Exército), as Companhias de Inteligência e os Grupos Inteligência dos Grandes Comandos e Grandes Unidades.

Plano de Obtenção de Conhecimentos – Documento conduzido pela Seção de Inteligência onde são registrados os EEI e seus desdobramentos, necessários para apoiar o processo decisório dos comandantes operacionais.

Processo de Integração do Terreno, Condições Meteorológicas, Inimigo e Considerações Civis – Processo cíclico de caráter gráfico que permite, mediante análise integrada, a visualização de como o terreno, as condições meteorológicas e as considerações civis condicionam as próprias operações e as do inimigo, fornecendo dados reais e efetivos para auxiliar a tomada de decisão adequada. É um processo de apoio ao exame de situação, particularmente durante a montagem das linhas de ação.

Região de Interesse para a Inteligência – Ponto ou área onde a ocorrência ou não de uma atividade inimiga confirmará ou negará uma linha de ação do oponente.

Risco – 1. Quantificação da insegurança, por meio da combinação da probabilidade, com a gravidade de ocorrência de um evento indesejável. 2. Fator inerente às operações militares. Normalmente, está associado à criação de

oportunidades para a conquista, retenção e exploração da iniciativa, bem como à obtenção de resultados decisivos.

Segurança Orgânica – Segmento da CI que preconiza a adoção de um conjunto de medidas destinado a prevenir e obstruir possíveis ameaças de qualquer natureza dirigidas contra pessoas, dados, informações, materiais, áreas e instalações.

Sistema de Inteligência do Exército (SIEx) – Compreende os órgãos e as pessoas do Exército Brasileiro que, sob a responsabilidade dos comandantes, chefes ou diretores, estão envolvidos na execução das atividades e tarefas de Inteligência ou que estão ligados à sua regulamentação e normatização.

Sistemas de Aeronaves Remotamente Pilotadas – É um sistema formado pela aeronave, sua estação de pilotagem remota, pelo enlace de pilotagem e qualquer outro componente especificado em seu projeto.

Sumário de Inteligência – Documento que expressa a avaliação da situação atual dos aspectos que compõem o PITCIC, bem como das fontes utilizadas na operação em curso, e traduz as conclusões com base na análise de especialistas. Aborda os aspectos essenciais, a análise e os aspectos complementares para cada item.

Tarefa – Ação operacional específica atribuída por um escalão superior a um subordinado que, quando executada adequadamente, cumprirá ou contribuirá para o cumprimento da própria missão ou da missão do superior. As tarefas podem ser expressas em termos de efeito desejado, ação a empreender ou, ainda, ambos simultaneamente.

Vulnerabilidade – 1. Situação de fraqueza de uma força, sistema, instalação ou equipamento que pode ser explorada por um oponente para auferir vantagens. 2. Deficiência que, ao ser explorada pela ameaça, pode causar incidentes de segurança e gerar impactos negativos para o Exército Brasileiro.

Zona de Ação – Delimitação de área e espaço aéreo correspondente, com a finalidade de atribuir responsabilidades operacional à determinada força ou unidade, em um espaço de manobra adequado e compatível com suas possibilidades. Medida de controle estabelecida pelo escalão superior que proporciona, no interior de seus limites, autoridade para conduzir sua operação e controlar as ações que apoiem sua missão. Essa zona, que poderá ser contígua ou não a outras, deve permitir o emprego de seus meios ao máximo de suas possibilidades e a proteção deles.

COMANDO DE OPERAÇÕES TERRESTRES
CENTRO DE DOCTRINA DO EXÉRCITO
Brasília, DF, xx de xxxxx de 2025
www.cdoutex.eb.mil.br